

## O perigo de infiltração integralista

Surgiu, ultimamente, uma nova espécie de fanáticos, eminentemente perigosa, feroz e intolerante, vesga e unilateral, que se julga da posse da última maravilha em matéria de organização política—os integralistas. Mais imbecis do que energicos, pretendem modificar, dum momento para o outro, o sistema político da sociedade burguesa, sem meditar um pouco que a psicologia dos povos fepele em absoluto a hipótese da implantação do seu regime.

Inimigos ferozes do individualismo são, a-pesar-disso, tão individualistas que entendem ser os povos a argila maleável que adquirirá dum momento para o outro a forma que aos seus desígnios convém.

Intitulam-se os portadores da doutrina mais moderna, com uma audácia irritante e caricata, ao mesmo tempo que se afirmam tradicionalistas, conciliando assim artificialmente o século XX com a idade média. E' claro que estes híbridos provocariam, se triunfasssem, uma série de lutas sangrentas.

Que têm de comum estas ideias com as duma república democrática que, apesar de anacrónicas, são incomparavelmente mais modernas, sem que contudo se harmonizem com os interesses humanos? Nada. Teriam, nesse caso, os monárquicos, integralistas, aderido à república, uma vez que declaram apoiar francamente esta situação, consoante ainda, há dias, o ratificou a *Idea Nacional*?

Os integralistas não aderiram; escolheram para abreviar o triunfo da sua monstruosamente errônea ideia política um processo que eles censuram aos conservadores—a penetração pacífica.

Estes modernistas copiaram os jesuítas—transigindo com esta moral acomodaticia em demasia que torna os regimes uma mistura disparatada com seus lances carnavalescos e trágicos. Incapazes de imporem abertamente à sociedade as suas ideias, vão-nas realizando por um sistema de conta gotas e com certo êxito, visto já lhes estarmos começando a sentir os seus perniciosos efeitos.

Pouco importa, em política, as etiquetas de que se revestem os homens ou os regimes. O que deve ser tomado em linha de conta são os actos e as palavras que os caracterizam. O que é o integralismo senão uma reacção contra a liberdade e contra todas as suas fórmulas, empíricas ou científicas, falsas ou verdadeiras, naturais ou artificiais? Pois todos constatamos que, dentro da república, o integralismo tem feito enormes progressos.

O integralismo é inimigo da liberdade individual. Nestes últimos anos a liberdade individual tornou-se um mito. Os inimigos da liberdade individual são os dominadores em política. António Maria da Silva não era o proprietário da vida política portuguesa?

A democracia tinha instituições jurídicas destinadas a defender o indivíduo e mesmo a colectividade da opressão do Estado. Em nome do Estado cometeram-se os maiores crimes e as maiores violências: a razão do Estado foi o mais perverso pretexto que até hoje a tirania tem engendrado, e tão perverso que se tornou incompatível com as sociedades modernas, sob regime monárquico ou republicano.

A infância sem nome das deportações levadas a cabo por Vitorino Guimarães o que era senão o desprezo levado ao máximo pela vida humana, pela mais rudimentar justiça e o regresso ignominioso às antigas tiranias que gerações anteriores destruíram com batalhas sublimemente heroicas que ficaram imortalizadas na história, como etapas dum dia que há de vir para regaliação do género humano e apoteose da inteligência sobre a fera humana que persiste em não morrer? São exactamente os integralistas quem pretendem que a iniquidade deixe de ser arbitrária para ser legal; são eles quem forçará todos os que amam a liberdade e a justiça a repetirem o gesto sublime que tornou credoras da nossa admiração as gerações que nos antecederam,

## EM TORNO DUMA AFIRMAÇÃO

### A harmonia social só pode reinar num regime justo e livre

Assim como se fizeram preces fervorosas para que a conflagração de 1914, que devastou fertilizantes territórios e afogou em sangue avaralhes de vidas que antes da hecatombe brutal sonhavam dias doirados de felicidade embalsamada, fechasse no quarto horrído das calamidades humanas a porta histórica do ciclo das grandes guerras internacionais—assim agora se erguem as mãos em votos «ardentes» para que a recente revolta política, que desolou o país em tragédias de morte e de luto em fundos sanguineos, seja a derradeira a esgotar a série das lutas fratricidas entre lusitanos.

Entenebrecidos desejos de tranquilidade familiar portuguesa são os evocados, embora a aparelhar com a louável sinceridade de uns, se note a flageladora segunda intenção de outros...

Proclama-se, bem de todos nós e para o crédito infamável da nossa divisa civilização,—é este grito de concórdia já ecoando, segundo as gazetas, em milhares de feitos dos nossos irmãos de raça que vivem além-Atlântico—a necessidade imprescindível do pequeno mas velho Portugal deixar de ser um fatídico pasto de tenebrosos ódios, para se transformar num delicioso campo onde possam vicejar as plantas de todas as aspirações e desenvolver-se os alicerces de todos os idealismos, a evoluir fluidos balsâmicos que suavizem as nossas aguras físico-mentais.

Pelas altas esferas das estatais dirigências, o iluminante lustre da lógica de que «todos os portugueses devem colaborar no embate das ideias dentro do campo doutrinário», tem sido algumas vezes balouçado, atraentemente vistoso, pela eloquente sofística de um dos mais celebrados membros da governação pública.

Deve aflorar na comissura nervosa de todos os lábios rosados de amoroso carinho, o sorriso alvorecedor de uma «atmosfera de paz e harmonia»... Mas «essa paz e essa harmonia» são no sentido mais lato e humano da frase? Eis o esfíngico-assurbernáculo mistério a desvendar...

Sempre preferimos, nos estreminhos da nossa índole sentimental e na pureza dos nossos princípios ideológicos, que a arma homicida que no fragor das batalhas dizimadoras dispara a imposição violenta dos variados credos político-sociais, se siga o canhoneio apaixonado, mas respeitoso e leal, dos argumentos convincentes que enraizam nas consciências as mais caras doutrinas de evangelização perfectibilista...

Em lugar de se exterminar homens para que prevaleçam dogmas, que se extirpe as cancerosas teorias do erro exclusivista do predomínio e do orgulho de castas a entredorarem-se, para que o homem universalmente viva na mais completa pujança de tma vida feliz e solidária.

Aos pichosos e provocantes caprichos que ornar o carácter neurasténico dos que nos dominam em todas as modalidades da existência, era bem melhor suceder-se, nas suas influências deletérias, a salutar austeridade dum virtude socrática adaptada aos modernos sistemas de filosofia corrente e de puras renovações morais e de relação ideal entre os povos.

Mas—santo deus!—esse fulcro virtuoso apoiado pelos nossos Antifónes, é que não pode ser admitido pelos filósofos oficiais dos nossos dias. Já se deixa ver, pelas constantes manifestações observadas, que ainda muito menos levam à paciência os

atenienses e antisténicos ascetismo moral e desprezo de todos os gozos exteriores e de todas as ocupações espirituais que não tendam directamente para a virtude. Abraçam, preferentemente, as hodiernas e deturpantemente agravadas elegâncias aristocráticas dos filósofos das Cirenas dos nossos tempos. E tratam de assegurar, exagerando-a a seu gosto, que a filosofia é a arte da vida, encarando, como um Aristipo de última fundição moralista, «a virtude apenas como medida de prazeres» para as suas aristocráticas classes.

Segundo o historiador a que nos reportamos, aquele fundador da escola oposta à de Antistenes pôs «os conhecimentos, a ciência e a educação intelectual ao serviço de tudo quanto proporcionasse uma vida feliz». As nossas oligarquias do século XX fazem o tanto... para seu privilegiado uso estirpico...

Se, em vez de intenções reservadas, a meditação sobre o estado psíquico das multidões ansiosas por melhores dias, os aconselhasse, efectivamente, a um franco e consciencioso propósito de harmonia e pacificação, colaborando no embate das ideias dentro do campo doutrinário—certamente que imitariam, agora, a espiritual tarefa de Platão. Todo o poder do seu talento convergiria, do modo mais viável possível, para «aproveitar as ideias e os germes de todos os «outros sistemas filosóficos» e sociais. Aprofundavam e desenvolviam as filosofias dos Sócrates das nossas épocas de evolução, metodizavam os princípios fundamentais dessas mesmas filosofias e alargavam as teorias socráticas à «contemplação geral do mundo moral».

Já que jactanciosamente se afirmam—e não somos nós que o queiramos negar—ser, como Aristóteles, dotados de um «talento original e de aptidões universais», possuindo conhecimentos que os tornam senhores de «todas as sciências»—criem, como ele criou, um «método perfeitamente sistematizado» e unam todos os idealismos socrático-platónicos da nossa era progressiva e civilizada «com um realismo natural e científico» próprio dum vida livre, abastada e justa, que abraja no mesmo amplexo de solidariedade todos os seres humanos sem distinção...

E assim, neste crisol de idealismos em concatenação sincera, procuraríamos, à medida que as massas se cultivavam, o melhor ascendente de um melhor bem-estar...

Mas, infelizmente, do que se trata, não é do embate leal e tolerante das ideias dentro do campo doutrinário... de um modo geral—mas, apenas, da supremacia aristocrática daquelas teorias que se quadram ao período situacionista...

Em virtude do que, enquanto os audaciosos monárquicos que conspiram contra a república são postos livremente na frente para logo regressarem—os indivíduos que acalentam, embora teórica e doutrinariamente, ideias de renovação social, são encarcerados e prestes a serem impostos pela barra fora, só por aquele crime! E todavia, ainda, que nos conste, não foi promulgado, qualquer decreto que proíba, de um modo terminante, qualquer modo de pensar doutrinário, por avançado que ele seja...

Destarte, Portugal jamais será uma terra livre onde tenham lugar todas as aspirações e todos os idealismos... a não ser os do passado...

Diógenes de Sinupe

conferência, mesmo como simples observadora.—(L.).

## Liberalismo à inglesa

Uma lei para enclausurar a revolução social...

LONDRES, 5.—Foi publicado o texto da lei reguladora das lutas entre patrões e operários e sobre a criminalidade da greve.

A imprensa é de opinião que a mesma provocará controvérsia e muitas sessões serão ocupadas para a discutir antes de ser posta em vigor.—(L.).

## Em poucas linhas

BRUXELAS, 5.—Em consequência da Holanda ter rejeitado o tratado «Scheldt», o governo belga resolveu iniciar desde já a construção do canal ligando Antuérpia a Liège.—(L.).

MADRID, 5.—Um comunicado oficial anuncia que as tropas espanholas encarregadas de reprimir a rebelião dos mouros prosseguem sem incidente na sua marcha, tendo desarmado várias tribus.—(L.).

TOULON, 5.—Deu-se em Toulon uma colisão entre dois hidro-aviões, tendo morrido 4 tripulantes.—(L.).

## OS MISTÉRIOS DO POVO

Prevenção aos leitores

Previnem-se os leitores e assinantes de OS MISTÉRIOS DO POVO que dentro de poucas semanas estará concluída a edição desta tão apreciada obra.

Nestas circunstâncias, todos os leitores que tenham comprado fascículos ou volumes devem fazer, sem demora, a aquisição dos números que lhes faltam, ou seja do resto da obra pois nenhuma razão aconselha a que fiquem com ela incompleta.

ASSINEM Os mistérios do Povo

## Notas & Comentários

### Emigração

Não somos interessados no alargamento da emigração, pois não temos nenhuma agência de navegação, nem escritório de emigração.

Estamos, a-pesar-disso, longe de concordar com a exaltação dalguns patriotas que pedem que seja suprimido, com urgência, o elevado número dos que abandonam o país. Feito isto, decerto chegar-se-á à conclusão que nós há muito já possuímos:

Emigração é o recurso desesperado dos que, não encontrando trabalho, abandonam o país para não rebentar de fome. Impedir o que pretende emigrar de o fazer, sem lhe dar maneira de subsistir, será condenando a uma miséria inenarrável. E isso não será um crime?

### Retórica

Segundo uma entrevista concedida a um jornal da noite, vai reunir brevemente a Assembleia Nacional que será constituída por um delegado de cada município.

Vamos pois ter, em substituição da ótica retórica parlamentar, a retórica municipal. Será melhor? Será pior? Não ousamos pronunciarmo-nos. A nossa falta de subtilidade não permite destruir entre uma e outra, chegando até a supomos que não há retórica parlamentar nem retórica municipal—há, simplesmente, retórica...

### A coerência

A coerência vai sendo, por se tornar cada vez mais rara, uma virtude que tende a aumentar muito de valor. Vem isto a propósito de A Situação ter feito as milícias uma guerra implacável e inteligente e estar agora fazendo a apologia de Mussolini.

Esperaremos mais uns dias a ver em que situação se coloca definitivamente A Situação. Por Cesar ou contra Cesar?

### Imprensa

Passou o 10.º aniversário de A Situação que durante a maioria dos anos de sua existência não se publicou. É caso para se dizer que tendo uma vida longa está longe de ter tido uma vida intensa.

Uma das razões que tornos possível a presente situação política—sustentam-no os seus defensores e a verdade—foi o facto dos anteriores governantes, na ânsia de anularem adversários, não se limitarem às sanções legais. A circunstância de em geral não espremitarem no emprego de medidas coercitivas em muito contribuiu efectivamente para a sua queda estrondosa.

Como os actuais detentores do poder têm afirmado não pretendem perseguir por sistema, recordamos-lhes que ocorre presentemente um caso, de que possuem talvez um imperfeito conhecimento, que se presta a conjecturas várias, caso que os mesmos governantes, no seu próprio interesse, vão certamente promover seja reduzido às proporções devidas.

Há trinta e três dias que estão presos, sem culpa formada, treze operários, por um delito de agressão, caso que, como se sabe, é da alçada dos tribunais comuns. O agredido foi o director da Biblioteca Nacional de Lisboa, agredido um daqueles homens. O último assumiu desde o primeiro momento, a responsabilidade do seu acto, pelo qual se não arreceia de responder. Não obstante, não está ainda pronunciado, nem os seus colegas foram restituídos à Liberdade, como seria da mais elementar justiça.

## O NOSSO REAPARECIMENTO

### “A Batalha” continua a ser saudada por grande número de pessoas e organismos

Causou grande júbilo entre o operariado o reaparecimento do nosso jornal, que, devido aos últimos acontecimentos, esteve 54 dias suspenso.

Todos os dias chegam até nós cartas de saudação pelo reaparecimento da *Batalha*, tendo-nos visitado grande número de camaradas e amigos que testemunharam ao porta-voz da organização operária portuguesa a sua grande simpatia e admiração. Entre as saudações recebidas destacam-se as seguintes:

«A Associação de Classe dos Manipuladores de Cristal de Marinha Grande, reunida em assembleia geral, saudou o jornal *A Batalha* pelo seu reaparecimento, envolvendo na mesma saudação todo o corpo redactorial e fazendo votos para que o nosso porta-voz na imprensa portuguesa continue a defender com o seu costumeado desassombro os sagrados princípios da emancipação dos trabalhadores. Sem outro assunto, desejamos-lhes saúde e acção».

Pela direcção—O secretário—Aguinaldo Marques Nobre.

VALA DO CARREGADO, 3.—Saúdamo o nosso jornal na pessoa dos seus redactores, faço votos para que ele siga, sempre no combate às torpezas e desigualdades da sociedade presente.—(C.).

A todos os protestos do nosso profundo reconhecimento.

## Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

“A Batalha” vende-se em todas as tabacarias

## AS CASAS DE “PREGO”

### Os penhoristas ameaçam reduzir a uma situação de miséria os seus empregados

Urge que se tomem medidas para acautelar os interesses das novas vítimas dos usurários

Não temos apenas que defender das garras avaras dos ferozes prestamistas, em face do recente regulamento, os pobres mutuários. Há uma classe que se encontra em situação crítica, devido à atitude dos proprietários das casas de penhores: o dos seus empregados.

Os empregados das referidas casas estão na iminência de perder o pão. Os seus patrões ameaçam encerrar os estabelecimentos, tendo já alguns notificado ao seu pessoal a demissão.

Ora é conveniente que se tomem medidas para salvar da fome centenas de criaturas que há anos se empregam nesse ramo de negócio, não lhes sendo fácil a especialização noutra género de comércio.

Os prestamistas, a-pesar das rigorosas determinações do decreto, não desarmam. Há oito dias que não se transacciona nas casas particulares de empréstimo sobre penhores. Não se recebem objectos, nem se dá um centavo em troca seja do que for.

No entanto, de quando em vez, aparecem nos jornais anúncios de compra de cauteles de penhor como que a dizer-nos que os prestamistas contam ganhar a partida e continuar vivendo à tripa fóra.

O que significa isto? Que os penhoristas estão seguros no seu sector? Que atraz dessa classe de miseráveis alguém joga com a situação?

Queremos jôgo franco! Basta de comédias!

Aos penhoristas convém a liberdade de poderem comprar por um terço do valor para venderem pelo preço que lhes aprouver.

Já demonstrámos que o limite de juro aparece episodicamente neste conflito. A liberdade de o penhorista poder licitar nos leilões efectuados na sua casa, o direito de esse agiota vender por bom dinheiro esse objecto ganhando 150 e 200 %, é muito mais rendoso do que cobrar 8 e 10 % nos objectos empenhados!

Pois esse direito foi-lhes agora cortado; essa liberdade, que é a liberdade do roubo, foi-lhes agora restringido. E' é por isso que eles dão à cartada e que resistirão por

## A CHINA REVOLUCIONADA

### Os trinta e três pontos do programa nacionalista

O verdadeiro carácter da revolução nacionalista chinesa tem sido interpretado—pelo menos, entre os ocidentais—consoante o critério, a esperança e o interesse de cada um. Não vem, portanto, fora de propósito a transcrição do programa dos nacionalistas, se se considerar necessário para uma melhor orientação análise e discussão do mais formidável acontecimento dos nossos dias.

Uma versão inglesa que nós vamos trasladar, mas a sua primeira publicação foi feita no *Diário da República*, órgão oficial dos nacionalistas de Cantão. Para conhecimento público dos trinta e três pontos do programa nacionalista, realizou-se, em tempo, uma festa patriótica em Cantão, sob a designação de «Dia Nacional da República Chinesa».

1.º) Resolvida a situação militar do país convencer-se-á a conferência preliminar do povo, a fim-de que se forme um governo da unidade nacional que procurará solucionar os problemas da Nação, segundo as ideias do dr. Sun-Yat-Sen.

2.º) Revogação dos «tratados desiguais» e redacção de novos tratados que defendam a soberania da China elevada ao nível de todas as nações do mundo.

3.º) Todas as forças militares e navais dos estados estrangeiros evacuarão o território chinês.

4.º) Toda a jurisdição consular estrangeira será abolida.

5.º) Serão restituídas à China todas as concessões territoriais.

6.º) A autonomia fiscal da China será reconhecida por todas as nações.

7.º) A China terá autonomia em todos os ramos de educação.

8.º) Os estrangeiros não fundarão nem subsidiarão Bancos, nem farão emissões de dinheiro, sem que o governo da China o autorize.

9.º) Estabelecer-se-á um governo firme, que saneará toda a função burocrática.

10.º) O povo desfrutará plena liberdade de imprensa, discussão, culto, residência e associação.

11.º) Um controle financeiro central será estabelecido e suprimir-se-á o imposto interno.

12.º) Os impostos extraordinários sobre a agricultura deverão ser extintos. Entre o elemento indispensável da população dos campos não será cobrada qualquer taxa militar.

13.º) Os distritos pobres serão isentos de novos impostos.

14.º) Será interdito o cultivo, transporte e comércio de ópio.

15.º) Deverá ser assegurada a cooperação do exército e do povo. Serão castigadas todas as desordens e tentativas de invasão dos domicílios particulares e residências.

16.º) A propriedade nacional será reorganizada, e a indústria será fomentada.

17.º) Os preços do arrê serão regulamentados. As propriedades dos chefes anti-nacionalistas serão confiscadas em proveito do fisco nacional.

18.º) Será dispensada assistência ao desenvolvimento industrial, comercial, agrícola e cultural da Nação. Toda a ingerência política ilegítima será debelada.

19.º) O governo dispensará a sua tutela às províncias.

20.º) Aperfeiçoamento dos processos de

muito tempo. E' este o motivo de toda esta agitação.

\*\*\*

Com o encerramento de algumas casas particulares de penhores e com a dispensa do pessoal de outras abre-se um dilema ao governo: ou colocar esses empregados nas Casas de Crédito Popular ou arremear para a miséria essas criaturas.

No seio dessa classe lava já grande inquietação. Os penhoristas jogam com a situação, atiram com os empregados contra o governo, como atiram com os mutuários contra o decreto. Dizem mesmo esses pobres trabalhadores que dentro em breve vão ficar sem pão por culpa do governo.

Não estamos a aplaudir nem a encorajar o governo. A nossa missão é outra: combater os manejos dos usurários.

Pretendem esses agiotas—certamente confiados na proverbial passividade dos nossos governos—mangar com os mutuários, que é a população, e roubar o pão aos seus empregados.

Para os primeiros encontrou-se já uma solução: recorrerem às Casas de Crédito Popular. Quanto aos segundos, falta ouvir a última palavra.

Essa palavra não pode ser outra que não seja a admissão dos empregados das casas de «pregos» nas Casas de Crédito Popular.

Não pode haver hesitações. A situação das segundas vítimas dos penhoristas não pode ficar dependente dos criminosos intuitos dos agiotas.

E não há muito tempo a perder. Alguns empregados que nos procuraram vieram dizer-nos que lhes foi ordenado que procurassem vida.

E' possível que os estabelecimentos não encerrarem, como fazem constar nos seus avisos os penhoristas. Mas é quasi certo que os empregados ficarão sem pão, como vindicta de uma caterva de exploradores!

Isto foi-nos garantido ontem e não tardará que venha a dar-se, a menos que haja para os penhoristas aquela energia de que tanto se fala.

## CRONICA DO ESTRANGEIRO

### O conflito italo-jugoslavo em torno da Albania

PARIS, 5.—O *Temps* publica um artigo examinando a política externa da Itália. Depois de passarem revista à acção de Mussolini, cuja acção elogia, alude ao tratado de Tirana e à política da Itália nos Balcans, dizendo que a viagem de Bethlen a Roma, deve ser interpretada como o propósito de ver resolvido o problema dos Balcans pela reconstituição e prosperidade do estado húngaro em completo acordo com a Iugoslavia.—(L.).

### Uma intriga diplomática da Grecia

ATENAS, 5.—O sr. Michail Koupoulos, ministro dos negócios estrangeiros, ao presidir à inauguração do centro do partido conservador democrático, pronunciou um discurso em que declarou ser intenção da Grecia manter boas relações com a Turquia e restabelecer a antiga amizade com a Iugoslavia, unica forma de garantir a independência da Albania.—(L.).

### O que se fia da virgem...

LONDRES, 5.—Entrevistado em Tirana pelo correspondente do *Daily Mail*, o presidente Ahmed Zogo, disse confiar em que todas as potências e especialmente a Itália, em vista do pacto de Tirana e das obrigações impostas pela S. D. N., garantirão a independência da Albania.—(L.).

### No parlamento britânico

#### Veneno chinês ou mau ambiente?

LONDRES, 5.—Foram acometidos de doença súbita durante a sessão de ontem oito membros da Câmara dos Deputados, um dos quais, conduzido ao posto médico do parlamento, morreu pouco depois. Os outros deputados recolheram ao hospital. Há suspeitas de envenenamento.—(L.).

### A comédia pacifista

#### A França limita-se a observar

PARIS, 5.—A folha oficial publica o texto da resposta francesa ao «memorandum» dos Estados Unidos acerca da Conferência do desarmamento naval. Agradecendo o convite a França declara ser-lhe impossível pelos motivos já expostos participar da

“A Batalha” no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

A situação em Xangai  
Nenhum acontecimento extraordinário se produziu

XANGAI, 5.—A situação no vale do Yang-Tse continua inalterável. Os japone-

**TIVOLI**  
ÀS 31 HORAS  
Uma obra prima de cinematografia  
dinamarchesa

**AMO E SENHOR**  
Comédia sentimental, em seis partes, com  
John Meyer—Astrid Holm—  
Matilde Nielsen  
Realização de Carl Dreyer

**O medroso valente**  
Comédia de aventuras, em 7 partes, com  
Douglas Fairbanks

**NO JAPÃO**  
(Documentário)

**UMA CINÉ FARÇA**  
REVISTA MUNDIAL  
Orquestra sob a direcção do maestro  
NICOLINO MILANO  
Amanhã: — Matinée às 15 horas

**COLISEU**  
ULTIMOS ESPECTACULOS  
da temporada de circo

**HOJE**  
A surpreendente e grandiosa pantomima  
oriental

**MIL E UMA NOITES**  
Um belo corpo de baile  
Riquíssimo guarda-roupa  
Deslumbrantes ornatações  
Surpreendentes efeitos de luz  
Imponente figurino  
Os capotes encantados  
A mais estonteante «faria», que se tem visto  
em Portugal

Todas as formidáveis atracções da  
**Grande Companhia de Circo**  
Amanhã—ULTIMA «MATINÉE» ELEGANTE  
BILHETES À VENDA

**TEATRO APOLO**  
TELEF. N. 4129  
Companhia ALMEIDA CRUZ

**HOJE e todas as noites**  
A pitoresca opereta

**MOURARIA**  
Admirável interpretação  
A vida baírrista  
em pleno palco

**TEATRO NACIONAL**  
HOJE E AMANHÃ  
não há espectáculo

**SÁBADO:**  
Festa de homenagem  
à culta e inteligente actriz-em-  
presária

**Berta de Bivar**  
com o célebre drama  
**A MORTE CIVIL**  
Protagonista: Alves da Cunha

**TEATROS**  
Coliseu dos Recreios  
Ultimos espectáculos da Companhia  
de Circo

## UM NOVO ESCANDALO

## A venda de acções dos Caminhos de Ferro da Beira Alta ou um negócio da China mascarado numa agitada assembleia

ses e os restantes estrangeiros têm recolhido a pontos seguros. O dia decorreu normalmente, sem que as forças britânicas de defesa da concessão tenham efectuado quaisquer movimentos. Em resposta a uma consulta do comandante das forças francesas, que indagou se poderia solicitar o auxílio das forças britânicas no caso de necessidade, o general Duncan informou que dará a cooperação das forças do seu comando, se a linha francesa se encontrar em perigo. Os marinheiros americanos dispararam metralhadoras sobre um grupo de «coolies» que haviam assaltado uns navios mercantes dos Estados Unidos.—(L.)

## Os succassos de Nanquim

## A actividade diplomática

LONDRES, 5.—Espera-se que o governo britânico apresente em breve as suas reclamações relativas aos últimos acontecimentos em Nanquim às autoridades chinesas legalmente constituídas, trabalhando ao mesmo tempo no sentido de evitar a repetição dos ultrajes. A Inglaterra deseja prosseguir na politica por ela delineada em dezembro último.—(L.)

PARIS, 5.—O governo francês encarregou os seus representantes em Nanquim e Xangai de protestar energicamente contra o assassinio de dois missionários franceses em Nanquim, exigindo reparações.—(L.)

BERLIM, 5.—Dizem de Londres que é exagerado o número de chineses que o governo de Cantão apresenta como tendo sido mortos em Nanquim.—(L.)

## Os tumultos em Hankow

## As tropas cantonesas defendem a concessão japonesa

HANKOW, 5.—Os japoneses evacuaram Hankow, tendo muitos recolhido a bordo dos navios de guerra do seu país partindo em seguida para Xangai. Na luta travada ontem na concessão nipônica supõe-se terem sido mortos 5 marinheiros. Vindos do Japão chegaram hoje mais três navios de guerra trazendo elevado número de provisões. As forças cantonesas guardam a concessão do Japão, que está cercada pelo povo.—(L.)

## OS QUE MORREM

## José Maria Cabral

Realizou-se ontem o funeral do sr. José Maria Cabral, serralleiro da Companhia Nacional de Navegação, e tio do camarada José de Oliveira, tipógrafo de A Batalha. No préstito fúnebre incorporaram-se muitos amigos e colegas do extinto, fazendo-se representar por um delegado a Associação de Classe dos Operários Maquinistas Fluviais e delegados dos navios da C. N. N., que se encontram no Tejo.

## Lisboa trágica

## Queda desastrosa

A enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José, recolheu Augusto Bartolomeu dos Santos, 30 anos, vendedor ambulante, residente na rua do Embaixador, 188, loja, que caiu na rua Vieira Portuense, fracturando a perna direita.

## Os vencidos da vida

Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada, Joaquim Oliveira Martins, 25 anos, comerciante, residente na rua dos Quarteis, 85, que tentou suicidar-se na rua Cruzeiro da Ajuda, 52.

## Atropelado por um automóvel

Da enfermaria n.º 2 do Hospital de Artigos, deu entrada, Felizardo António Coruja, 31 anos, empregado do comércio, residente na rua Vale Formoso, 43, loja, que foi atropelado por um automóvel na rua do Açúcar, ficando muito contuso pelo corpo.

## Escada perigosa

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José, deu entrada, Constantino Brás, 55 anos, t.º cabo 1274 da P. S. P., residente na rua dos Prazeres, 90, que caiu pela escada da residência, ficando muito contuso pelo corpo.

## Com uma perna fracturada

Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada, Urbano Mendes, 17 anos, residente no Casal do Ouro, que caiu dum muro na Ribeira Nova, fracturando a perna direita.

## MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês «Muduana», de Bordeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos «Albania», de Valência, e «Algeria», de Stockholm, Gotenbergo e Dartmouth, todos com expediente, alemão «Heitor» de Huelva e Faro, em lastro, e holandês «Juno» de Malaga, vazio; veleiro português «Ilha da Madeira», do Funchal, carga diversa.

Está dando os últimos espectáculos no Coliseu dos Recreios a grande companhia de circo que ali tem alcançado o maior e mais extraordinário sucesso dos últimos tempos. Durante esta semana, que é a última da temporada, todos os artistas apresentarão novos e variados trabalhos. Entre esses novos números figura o de um cavalo gatinho que disfarça os seus roubos fazendo-os atribuir a um cão que coloca no sitio do roubo; dois cavalos que dançam flamengo, vestidos a caracter; cães que dão saltos formidáveis; cavalos que tocam castanholas e tantos outros variados exercícios que surpreendem o público que todas as noites ovaciona o notável artista com um entusiasmo indescrivível.

No programa figura também a imponente fantasia oriental «Mil e uma noites» que tem uma luzida e deslumbrante cavalcada e que é o mais grandioso espectáculo que se tem realizado em Portugal. Nemo, o homem-candeiro, o homem avestruz, continua a maravilhar a assistência com os seus trabalhos, comendo cacos, vidros, ferro, etc.

Amanhã realiza-se a última «matinée» elegante na qual tem entrada gratuita as crianças até dez anos. Os bilhetes estão à venda desde hoje.

Eden

## O Rei dos Judeus

Está marcada para depois de amanhã, a reabertura do Eden-Teatro que vai efectuar-se com a estreia da peça em verso, e em 2 actos, de Silva Tavares e Carvalho Mourão, «O Rei dos Judeus». Trata-se dum peça em que são reproduzidos os episódios culminantes da «Vida de Cristo», estando a interpretação da peça confiada a um núcleo artístico que está sendo ensaiado por José Climaco, e do qual fazem parte vários elementos já consagrados pelo aplauso unânime do público. «O Rei dos Judeus» tem música apropriada que o maestro Alves Coelho está ensaiando. Nestes espectáculos a empresa do Eden mantém a sua orientação de os tornar de fácil acesso a toda a gente: para isso os lugares serão vendidos por preços de cinema, nas duas sessões e sempre sem locação.

Apolo

## Mouraria

A famosa opereta que o Apolo tem em scena fez com que aquele teatro convidassem todas as atenções. Na «Mouraria» há ocasião de avaliar o que é uma parte da vida dos bairros pobres, que não abdicam da sua alvizez, e não perdem nunca o ensejo de demonstrar o seu desinteresse e abnegação. Está nesse caso o procedimento da Cesária, cuja personagem interpreta Margarida Ferreira, dando a todas as cenas o colorido que requerem e fazendo-se aplaudir com entusiasmo nos Fados da «Mouraria» e da «Cesária». Dos outros intérpretes da peça, é também de justiça falar em Almeida Cruz, Evangelina Bastos e Maria Cardim. Nas cenas de grande relevo cómico, lá estão o Augusto Costa, o Artur Rodrigues e a Maria Mesquita, dispostos sempre a manter o público em permanente gargalhada. A «Mouraria», como habitualmente, repete-se no Apolo, em duas sessões.

## Espectáculos de hoje

## TEATROS

**Teatro São Carlos.**—A's 21,15.—«Entre os lobos».  
**Teatro S. Luis.**—A's 21.—«Paganini».  
**Teatro da Trindade.**—A's 21,15.—«O Quebrantor».  
**Teatro do Ginásio.**—A's 21.—«A Sorridende».  
**Teatro Politeama.**—A's 21.—«Lourdes».  
**Teatro Apolo.**—A's 20,30 e 22,30.—«Mouraria».  
**Teatro Variedades.**—A's 8,30 e 10,30.—«O senhor roubador».  
**Teatro Avenida.**—A's 21,30.—«O bom ladrão».  
**Coliseu dos Recreios.**—A's 21.—Companhia de Circo.  
**Teatro Salão Foz.**—A's 21.—Variedades.  
**Teatro Joaquim d'Almeida.**—A's 20 e 21.—Cinema e variedades.

## CINEMAS

**Tivoli.**—Todas as noites animatográfico.  
**Salão Olimpia.**—Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatográfico e concerto musical.—Rua dos Condes.

**Jardim Zoológico.**—Exposição de animais.

## Batalha de flores

Realiza-se na primeira quinzena de Maio, na Avenida da Liberdade, a batalha de flores promovida pelo governador civil de Lisboa.

Sob a presidência desta autoridade reuniram ontem no seu gabinete vinte representantes de associações de «ineficiência», tendo apreciado vários alvitre, nomeado a comissão executiva para a organização da festa, que foi assim composta: presidente, governador civil; agregados, representantes da Câmara Municipal, Junta Geral do Distrito e Associação Comercial dos Lojistas.

A's 15 horas e poucos minutos de antemão, o transeunte desprocurado que passasse na rua Vitor Gordon, junto ao palácio cujo proprietário tem o nome da rua, e onde também está instalada a sede da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, pararia surpreendido pelo eco da mais infernal desordem, vozes humanas dos timbres mais diferentes numa gritaria espantosa.

Era uma reunião da Assembleia Geral dos accionistas da citada Companhia de Caminhos de Ferro. Os titulares tratavam dos seus interesses, inquirindo, analisando e discutindo os actos do Conselho de Administração por eles eleito e que, segundo parece, não ofereciam, quanto aos pontos da convocatória, absoluta confiança a «mais de 15 accionistas, representando mais de 5.000 acções» que tantos são os suficientes para pedirem contas aos conselhos daquela empresa ferroviária.

Lá em cima, no segundo andar, os protestos, os «foras» e as alusões mais ou menos claras e iniludivelmente suspeitosas, cruzavam-se como um cerrado tirotoio, tendo dado matéria para estiradas columnas nos jornais matutinos de ontem. O caso resume-se no seguinte: Um accionista ou grupo deles vendeu a um subido espanhol, o sr. visconde de Escoriza, um bonito lote de acções, facto que feriu a sensibilidade de muitos accionistas que, dizem, não querem a desnationalização dum empresa que deve ser portuguesa.

Outro ponto incluído na ordem dos trabalhos é: porque não concorreu a Companhia à adjudicação das linhas ferreas do Estado.

Contudo, ainda na sessão de ante-ontem se não entrou decididamente no assunto, porque um forte núcleo de accionistas poz em dúvida a legitimidade da constituição da mesa e da própria assembleia, girando todo o tumulto que se desenvolveu à volta dum requerimento que um sr. Miranda e Sousa apresentou, declarando a assembleia incompetente para tratar dos assuntos citados.

Este documento singular não passou e a palavra «abafarete» cruzou-se dum canto ao outro da sala, desenvolvendo-se a ceulema que, sem a menor transição, atingiu a magestade dum das saídas das ses parlamentares sobre a questão dos tabacos. E assim se prolongou até, às 19 horas, o sr. Simões de Almeida, muito atarantado, declara suspensa a sessão para continuar no dia seguinte à mesma hora.

\*\*\*

Efectivamente, ontem, cêr a das 15 horas, começaram afluindo os accionistas que já comentavam os sucessos com maior ou menor alacridade, ouvindo-se frequentemente dizer com energia:

—Isto não vai assim...

A's 15,30 o sr. Simões de Almeida, que é ao mesmo tempo presidente da assembleia e membro do Conselho de Administração, convida:

—Fazem favor de ocupar os seus lugares. Tomam pois os seus lugares, a secretária, os srs. coronel Alfredo Seabra, dr. Carvalho dos Santos e o proprio espanhol, visconde de Escoriza.

O presidente diz: —Está reaberta a sessão. Segue-se um voto pelas melhoras do sr. Vilhena, presidente efectivo da Assembleia e que «infelizmente adoeceu».

O sr. Silva Viana, em nome do Conselho de Administração, pede ao sr. Miranda e Sousa que retire o seu requerimento proposto ou proposta-requerimento, que tanto reparos levantou.

O interpelado insiste na prioridade do seu requerimento e diz:

—Se eu amanhã me apetece vender as minhas acções terei o desprazer de ver os meus actos discutidos numa assembleia que nada tem com os meus negocios particulares.

E, de código comercial na mão, prova que os accionistas não têm direito a saber a que mãos vão parar os interesses colectivos.

Com a maior máguia e desgosto... retira o requerimento, o que faz com que se oçam alguns suspiros de satisfação.

Um accionista, nesta altura, pede para se inscrever, porque chegou tarde. O presidente consente, mas como o retardatário pertence, naturalmente, a um dos partidos, um accionista da parte contrária pergunta:

—E V. Ex.ª, sr. presidente, sabe se a assembleia consente nessa inscrição?

—Ora essa! V. Ex.ª descobre às vezes cada uma...

E assim. Chama-se Campos Figueira, faz parte do grupo que pediu a convocação da assembleia e, logo em seguida, reclama a leitura da acta da sessão anterior, como manda a lei.

O presidente: —Mas a reunião não terminou... —Mas é da lei!... —Não é... —O orador: —E mais um atropelo à lei. Outro assunto: —Eu ontem não reparei bem em que qualidade foi o sr. coronel Seabra convidado para secretário a assembleia... —Na qualidade de administrador.

—Pois desejava que isso mesmo ficasse lavrado na acta e por isso é a necessária —porque existe uma lei muito nacional, que impede os officiais do exercito de serem comerciantes ou industrialistas.

O sr. presidente embuteu... Depois declara: —Podemo-nos conciliar... O secretário vai coligindo a acta de ontem e nós... vamos trabalhando...

Vozes: —Não pode ser... não pode ser... O sr. Miranda e Sousa.

—Então suspenda-se a assembleia. O sr. presidente parece tentado a fazer isso mesmo, mas o sr. Figueira volta a interpellar a mesa terminando por dizer:

—Eu entendo que, para decôr da companhia, e uma vez que a factura dum accionista em tais condições implica ilegalidades flagrantes, se deve dar por nulo tudo quanto se tem feito desde ontem, e... convoque-se uma reunião em regra.

E a coisa ficou assim, dando o presidente por interrompida a sessão, para continuar quando se anunciar.

## Sociedade «Estoril»

Caminho de Ferro do Caes do Sodré a Cascais

## Aviso ao Público

## HORA OFFICIAL

Em harmonia com o decreto n.º 13.384 de 1 de Abril de 1927, às 23 horas prefixas do dia 9 do corrente, todos os relógios das estações e do pessoal serão ajustados nos sessenta minutos devendo nesse momento em todos os mostradores ficar indicado 0 horas.

Hora a que devem partir, na noite de 9 para 10 de Abril, os comboios abaixo indicados depois dos relógios terem sido adeantados 60'.

**Partidas de Cais do Sodré**  
C.º 509 Partida 23 — Partirá às 0  
C.º 501 — 0 — a 1  
C.º 503 — 1 — a 2  
C.º 601 — 2 — a 3

**Partidas de Cascais**  
C.º 510 Partida 23 — Partirá às 0  
C.º 502 — 0 — a 1  
C.º 602 — 1 — a 2  
Lisboa, 4 de Abril de 1927

O Engenheiro Director

M. AREZ

## RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

## Colhido por uma zorra

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e foi para casa, Sebastião Lopes Ferreira, 37 anos, servente da Carris, residente na Calçada da Ajuda n.º 236, que foi colhido por uma zorra em Santo Amaro, ficando ferido no joelho esquerdo.

## Desastre a bordo

A enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José, recolheu Francisco Pedro, 36 anos, marítimo, residente no Barreiro, que a bordo do vapor «Traz-os-Montes», dos Caminhos de Ferro do Estado, espetou uma lasca de madeira num pé.

## DESPORTOS

## Um jantar de confraternização

Realiza-se brevemente num dos melhores restaurantes da Capital, um grande jantar de confraternização desportiva entre os antigos jogadores de futebol da Casa Pia, Liceu, Pedro Nunes, Passos Manuel, e Camões, Escola Académica, Colégios Francês, Arriaga, Nacional, e Calipolense, Escola Nacional etc., que tomaram parte nos desafios inter-escolares na sua fase mais brilhante.

Para esse jantar, cuja inscrição se encontra aberta na tabacaria Mónico (Rocio) onde serão prestados todos os esclarecimentos, devem ser convidados a tomar parte alguns elementos preponderantes do meio desportivo de então e que bastante contribuirão para o progresso de futebol em Portugal.

## O caso da Biblioteca Nacional

Foi ontem para a Boa-Hora o processo referente ao caso ocorrido há um mês na Biblioteca Nacional, do qual saiu ferido o director daquele estabelecimento, dr. Fidalgo de Figueiredo.

Os operários acusados de agressores, conforme dizemos noutro lugar, encontram-se no Forte do Monsanto, ignorando o destino que lhes será dado.

## IMPRENSA

## «O Vegetariano»

Recebemos o número desta revista de propaganda naturista, referente a Março.

## Uma circular da Direcção Geral de Saúde

Pela Direcção Geral de Saúde foi expedida aos presidentes de todas as Câmaras Municipais a circular seguinte:

Estipula o decreto n.º 13.166 as medidas regulamentares mais necessárias para a execução das disposições do decreto n.º 12.477, que reorganizou os serviços de saúde pública. Tem esta circular por fim chamar a atenção da Câmara a que V. Ex.ª dignamente preside para as atribuições que cabem à municipalidade nos serviços de higiene desse concelho.

## I — Instalação das Sub-Inspecções de Saúde

A Repartição encarregada da vigilância sanitária concelha é a Sub-Inspecção de Saúde. A instalação, conservação e expediente de essa Repartição está a cargo da Câmara (artigo 21.º do decreto n.º 12.477). Cada Sub-Inspecção precisa, pelo menos, de uma sala com o mobiliário indispensável, e dos livros, pastas e impressos necessários para o expediente. Como pessoal, o sub-inspector de saúde dispõe, pelo menos, de um empregado encarregado de o auxiliar nos serviços externos de fiscalização e nos serviços internos de escrituração. Para que o sub-inspector possa trabalhar desfogadamente, importa que lhe não sejam regateados os meios para cumprimento da sua missão, de tanto interesse para os municípios. A Sub-Inspecção de Saúde deve estar aberta ao público, para recebimento de reclamações e prestação de informes, pelo menos, durante duas horas de cada dia útil.

## II — Juntas de Higiene

A Junta de Higiene representa a entidade consultiva da Câmara em matéria de sanidade pública, estabelecendo a íntima ligação que deve existir entre a acção administrativa da Câmara e a acção técnica do sub-inspector de saúde. A constituição das juntas (artigo 19.º do decreto n.º 12.477) obedece a esta finalidade essencial.

As suas principais funções são:

1.º Elaboração das posturas e regulamentos dos serviços municipais que interessam à saúde pública;

2.º Estudo dos projectos de criação ou remodelação dos serviços municipais de higiene e das obras de saneamento a realizar pela Câmara.

O primeiro trabalho das Juntas consistirá em rever e completar a coleção das posturas municipais relativas a assuntos de sanidade, por forma que satisfaçam as leis e regulamentos da saúde pública. Serão publicadas posturas (artigo 10.º do decreto n.º 13.166) sobre: situação, construção e manutenção dos prédios e suas dependências, incluindo o seu abastecimento de água e os alojamentos dos animais domésticos; remoção e destino das águas de exgito e mais imundícies; remoção dos lixo domésticos; situação, construção e conservação dos mercados de gado, aves, hortaliças e frutas; transporte de géneros alimentícios e sua venda ambulante; registo e policia sanitária dos cães. Das posturas deve dar-se amplo conhecimento ao público.

As Juntas remeterão os projectos de obras importantes de saneamento, especificamente os relativos ao abastecimento de água e remoção de exgitos à sanção do Conselho Superior de Higiene; por seu turno, a Direcção Geral de Saúde procurará em certos casos subsidiar essas obras, para o que promoverá a inscrição de verba própria no orçamento do próximo ano económico.

Para que a Junta possa estar inteirada da actividade sanitária no concelho, tanto o presidente da municipalidade, como o sub-inspector da saúde, devem pôr à sua disposição todos os elementos de informação de que carecer; o presidente mandará facultar ao sub-inspector todos os registos dos serviços municipais relacionados com a higiene.

A Junta reúne periodicamente, pelo menos uma vez por mês e em dia prefijado, cabendo a presidência ao presidente da Câmara ou ao seu delegado. A guarda dos livros e documentos da Junta pertence ao sub-inspector de saúde, que ocupará o cargo de secretário; o lançamento no livro das actas por este minutasadas será feito pelo empregado da Câmara encarregado do expediente da Sub-Inspecção.

## III — Salubridade das habitações

É da competência municipal o licenciamento das obras de construção ou modificação dos prédios urbanos. A Câmara fixará em que aglomerados de população se torna obrigatório esse licenciamento. Ao sub-inspector de saúde serão presentes os projectos, para verificar se foram seguidas as prescrições da higiene; a Câmara só concederá a licença depois de o sub-inspector ter posto no projecto o visto de concordância.

Quando de pequena importância, as obras indicadas pelo sub-inspector (a que se refere a primeira parte do § 1.º do artigo 12.º do decreto n.º 13.166), para melhoria das condições higiénicas dos prédios, não devem carecer de licenciamento, cuja obrigação diz respeito a construções e reparações de vulto.

## IV — Estabelecimentos licenciados

Pelo artigo 19.º do decreto n.º 13.166, as Câmaras passam a licenciar os estabelecimentos insalubres, incómodos e perigosos; da tabela II anexa ao decreto n.º 8.364, de 25 de Agosto de 1922.

Com as modificações introduzidas pelo decreto n.º 10.443, de 9 de Janeiro de 1925, essa tabela compreende os seguintes estabelecimentos: depósitos de adubos, alfarrôba, algodão, asfalto, betumes, breu, resinas, matérias betuminosas sólidas, carvão, carne e peixe salgado, carvão, cebolas, cortiça, enxofre, esparto e palma, drogas e tintas, ossos frescos ou secos, peles e coiros verdes, desperdícios de matérias filamentosas, peles salgadas ou secas, queijos, fressuras e tripas, fitas cinematográficas, lenha, madeira, mato seco, palha, trapo; enfermarias de animais, engorda de aves, canis, cortelhos ou poelgas, estábulos e cavalarias, currais, fressureiras, talhos, salsicharias, secagem de peles de carneiro, secadouras de borras de vinho, lavandarias e lavadouros, matadouros.

Compete também às Câmaras o licenciamento sanitário de hotéis e hospedarias, restaurantes e tabernas, lugares de reunião e casas de espectáculo.

Os estabelecimentos da tabela II, acima referida, já licenciados pelas circumscrições industriais, não carecem de novo licenciamento, mas apenas de registo na Sub-Inspecção de Saúde. Para os que ainda não estiverem licenciados, a Sub-Inspecção organizará os processos de licenciamento (sendo os peritos designados pela Junta de Higiene), remetendo-os ao presidente da Câmara para que se lavrem os respectivos alvarás.

Podem as Câmaras fixar taxas de licen-

## A BATALHA na provincia e arredores

## Foz do Douro O Carnaval em Abril

Foz do Douro, 3.—Estamos sob a impressão dum cortejo imponente: um cortejo, que foi a primeira que se realizou por esta terra, tal a riqueza e esplendor com que iam vestidas as dezenas de crianças que compunham a comitiva, e os riquíssimos mantos que cobriam as imagens da Virgem e de seu santíssimo filho —o Cristo lendario que andava descalço e coberto com grosseiro pano.

Mas ao nosso lado, alguém, fitando as crianças, ia interrompemente apontando: «esta, teve a mãe que peir emprestada a quantia necessária para lhe alugar a vestimenta; aquela, empenhou o pai a corrente para lhe comprar as sandálias; aquela outra, vai passar uma semana de fome porque as tranças e os sapatos levaram a fêria do pai, e por aqui fora numa citação que nos desfez a ilusão momentaneamente sentida. Tudo vaidade! tudo vaidade!

Os restantes componentes era a mais heterogênea multidão: do carola, sempre pregado às saias das beatas, ao furibundo anticlerical; do menino papo-seco, atacado de pedantismo, ao pobre diabo que, com a facilidade com que enverga a opa numa procissão, veste a farpela de gato-pingado para ganhar uns cobres que lhe sirva para «uns copos».

Os andores eram transportados pelo que de mais «valente» havia na freguesia.

Se se tratasse de conduzir algum infeliz doente ao hospital, pela certa que não havia quem se oferecesse, mas como era a Deas Senhora e o fruto do seu divino ventre —dois pedaços de pau trabalhados pelo entalhador — não faltava quem lhes quizesse sentir o pé.

As crianças, com a sua dízia de «notáveis» —pelo dinheiro — cá do sitio, que não quiseram misturas com a plebe, o que mais prova o seu cristianismo.

Por último a guarda de honra feita pelos soldados do terço, que seguem em passo militar e de espingarda ao ombro. E ficamos pensando no doce rabi da Galileia que oferecia a face esquerda quando a agredissem na direita...

Mas aí daquele que não se descobrisse à passagem do cortejo, que seria escurteado por estes ébrios.—C.

## Vala do Carregado Um obrador assaltado e agredido

VALA DO CARREGADO, 4.—No passado sábado, quando o descarregador de mar e terra, João Rocha, passava próximo da casa do sr. José Galhim, foi assaltado e barbaramente agredido à cacetada pelos trabalhadores José Alves e um seu cunhado conhecido pelo «Trigueirinho», ambos residentes no concelho de Alentejo. Os assaltantes pretendiam apoderar-se do dinheiro dos serviços de descargas que o Rocha foi receber ao Carregado, não tendo levado por diante o seu intento devido a intervenção do sr. José Galhim e seu caseiro, que puzeram em debandada os meliantes.—(C.)

## SOCIIDADES DE RECREIO

Sociedade Recreio Ajudense.—Nos dias 9, 10 e 11 do corrente, em festa promovida por uma comissão constituída por elementos do grupo dramático, sob a scena a revista em 3 actos e 6 quadros, original dos srs. Eduardo Faria e Carlos Cruz «Uma viagem à Ajuda».

cas, convido, para evitar disparidades entre o imposto camarário e o do Estado, guiar-se para tal pela tabela que a Junta de Higiene organizará para fixação das taxas de fiscalização sanitária anual.

V.—Policia sanitária dos cães

De entre os serviços municipais de índole sanitária, chama-se a atenção das Câmaras para o que se refere à profilaxia da raiva. Determina o decreto n.º 12.477 (artigo 37.º) que sejam responsáveis pelo transporte e tratamento dos indivíduos mordidos,

**Policlinica da Rua do Ouro**  
Entrada: RUA DO CARMO, 98  
TELEFONE N. 5353

Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.  
Clínicas, crenças e pulmões—Dr. Armando Nari—A e B e horas.

**ISQUEIROS**  
Tubos, rodas, chaminés, funis, molas e pedras, a preços resumidos.  
Pedidos a:  
**FRANCISCO LATTA**  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

**Edições de A SEMENTEIRA**  
Práticas neo-malthusianas... \$50  
O sentido em que somos anarquistas... \$50  
A peste religiosa... \$50  
A liberdade... \$50  
A Internacional (música e letra)... \$30  
Pedidos a A BATALHA ou no Caisado Sodré, 82

**CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL**  
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as proveniências.  
Telefone — 539 Trindade  
Escritório: Calçada do Cambra, 38-R. 2.º

**LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO**

Maximo Gorki... 6000  
Como se forja um Mundo Nuevo... 6000  
Cuentos de Italia... 6000  
La vida de um Homem innecesario... 6000  
Wladimir Korolenko... 6000  
El Imperio de La Muerte... 6000  
Dr. G. Feydoux... 10000  
La vida tragica de los Trabajadores... 10000  
Jean Masestan... 10000  
La Educacion Sexual... 10000  
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad... 9000  
E. Reclus... 6000  
La Montania... 6000  
El Arroyo... 6000  
Octavio Mirbeau... 6000  
El Calvario... 6000  
P. Krapotkin... 6000  
La etica, la revolucion y el Estado... 6000  
Luis Fabbri... 6000  
Critica revolucionaria... 6000  
H. Malatesta... 6000  
F. Dostoyevsky... 9000  
Los Hermanos Karamazov... 9000  
Trotsky... 5000  
G. República de los Soviets... 5000  
G. República de los Soviets... 5000  
C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente... 5000

**LA NOVELA SOCIAL**  
Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escritores revolucionarios — Preço 10000

Pedidos à administração de A BATALHA

**S. Clara**  
Os sabonetes desta fábrica são os melhores e mais baratos  
Pegam-nos em toda a parte  
Biblioteca de Instrução Profissional

**Elementos gerais**

Algebra elemental... 13000  
Arithmetica... 15000  
Desenho linear geometrico... 12000  
Elementos de electricidade... 30000  
Elementos de fisica... 12000  
Elementos de mecanica... 12000  
Elementos de modelagem... 12000  
Elementos de projecções... 16000  
Elementos de quimica... 12000  
Geometria plana e no espaço... 13000  
Fabricante de tecidos... 13000

**Mecânica**

Torneira e Frazador mecanicos... 15000  
Desenho de maquinas... 25000  
Material agricola... 13000  
Nomenclatura de caldeiras e maquinas a vapor... 13000  
Problemas de maquinas... 16000

**Construção Civil**

Acabamentos das construçoes... 16000  
Alvenaria e Cantaria... 13000  
Edificações... 13000  
Encanamentos e salubridade das habitações... 13000  
Materiais de construção... 20000  
Terraplenagens e alioscos... 13000  
Trabalhos de Carpintaria... 16000

**Diversas indústrias**

Condutor de Maquinas... 20000  
Foguetes... 16000  
Formador e estuador... 12000  
Fundidor... 13000  
Pintagem... 16000  
Industria alimentar... 12000  
Industria do vidro... 12000

**Manuais de officios**

Galvanoplastia... 18000  
Motores de explosão... 20000  
Navegante... 16000  
Cimento armado... 25000

**Um livro interessante**  
Acaba de ser posto à venda uma bela obra de **RICARDO MELLA**, **"IDEARIO"**, que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:  
Doctrina — Critica Social — Educacao — Libertaria — Tactica — Evolucao — Revolucao — Violencia — Libertad — Autoridad — Ensayos Filosofico-Ilustrados — Ideas Iconoclastas — Moral — Temas sociologicos — Pedagogia — Vida Española — Hombrés Representativos — Trabajos Polemicos — Lecturas — Fragmento Inédito.  
Preço 18000 — Pelo correio 19000  
Pedidos à administração de A BATALHA.

**"Educação Social"**  
Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal  
Assinatura: ano 30000; semestre 15000. Número avulso 3000.  
Redacção e administração — Empresa Literaria Fluminense, Limit. — R. dos Retirozinhos, 125 — LISBOA.  
A venda na administração de A BATALHA.

**FIGUEIRA DA FOZ**  
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

**MADEIRAS DO BRAZIL**  
**ADRIANO TELES, L. da**  
Escritorio e Armazens na sua propriedade da  
Rua de S. João da Mata, 114 a 118  
TELE (fone — T. 589) gram — Adriteles. LISBOA

**NOVA REDUÇÃO DE PREÇOS PARA LIQUIDAÇÃO DE STOCKS**  
Aumento de descontos nas mercadorias pagas no acto da compra

**MADEIRAS para mobiliarios, construções civis e navais e o afamado CARVALHO DO AMAZONAS (para vasilhame)**

cujos excelentes resultados são bem conhecidos das tanoarias de Lisboa, Porto, Gaia e muitas outras localidades da provincia. deve fazer as suas compras sem primeiro consultar os preços e visitar os Armazens desta casa.

**Ninguém**

PORTANTO, fixem bem este nome:  
**ADRIANO TELES, L. DA**  
e este numero:  
**TRINDADE — 589 (cinco, oito, nove)**

**NORTE 5521 e 5528**  
São os telefones dos 60 taxis  
**CITROËN**  
(Palhinha amarela)  
DA  
**Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs**  
que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro  
GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21  
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

**A venda na administração de "A Batalha"**

Cartilha do homem do povo... 500  
Programa agricola do Partido Operario Francés, por Paulo Loforgue... 500  
Dens, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva... 1500  
Cartas politicas, por João Chagas, diversos numeros, cada exemplar... 1000  
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin... 2000  
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchofer... 2000  
Os gatos, por Fialho de Almeida, os tres primeiros numeros da 2.ª serie O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva... 2500  
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas... 3000

A Religião da Humanidade, por José Augusto Corria... 3500  
A Filologia perante a História, por Nobre França... 5000  
Os direitos do Estado, por A. Levisse Tedfilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho... 3000  
O corpo humano, por A. Levisse... 2500  
Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux... 1500  
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira... 2000  
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira... 1500  
O conflito de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas... 3500

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util as boas donas de Redacção e administração de A Batalha casa. Preço 2500; pelo correio, 2550.

**Livraria de A BATALHA**

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIAS E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã... 16000  
Alexandre Hercolano... 18000  
Lendas e Narrativas (2 volumes)... 18000  
Cartas (2 volumes)... 18000  
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols)... 27000  
Adolfo Lima... 10000  
Contracto do Trabalho... 5000  
Educação e ensino... 1500  
O ensino da história... 1500  
Aquilino Ribeiro... 3000  
Anatole France... 10000  
Estrada de São Tiago... 10000  
Jardim das Tormentas... 10000  
Via Sinuosa... 10000  
As Filhas da Babilônia... 10000  
Terras do Demo... 10000  
Augusto Machado — Impossível redenção (novela)... 2500  
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados)... 10000  
Bento Faria — Missa nova (teatro em verso)... 2000  
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus... 4000  
Buckner — O homem segundo a ciência... 12000  
Charles Darwin — Origem das espécies... 14000  
Campos Lima... 12000  
O Estado e a evolução do Direito... 5000  
O Amor e a Vida... 2000  
Ceia dos Pobres... 2000  
A Revolução em Portugal... 6000  
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela)... 2500  
Duarte Lopes — Frei Sangue... 5000  
Eça de Queiroz... 18000  
O crime do Padre Amaro... 15000  
O primo Basílio... 15000  
O Mandarim... 8000  
Os Maias (2 vols)... 28000  
A Reliquia... 15000  
A Cidade e as Serras... 12000  
Fradique Mendes... 9000  
Casa Ramires... 15000  
Prosas Bárbaras... 10000  
Ecos de Paris... 9000  
Cartas Familiares... 9000  
Cartas de Inglaterra... 9000  
Minas de Salomão... 9000  
Notas Contemporâneas... 15000  
Ultimas páginas... 15000  
Contos... 15000  
Ernesto Haeckel... 20000  
História da Criação... 5000  
Origem do Homem... 14000  
Os enigmas do Universo... 4000  
Monismo... 4000  
Religião e evolução... 6000  
As maravilhas da vida... 14000  
Faguet — Iniciação filosófica... 5000  
Iniciação literária... 10000  
Faria de Vasconcelos... 5000  
Problemas escolares... 5000  
Por terras de além mar... 5000  
Ferreira de Castro... 2500  
Sangue Negro... 8000  
Sedas de Lirismo e de Amor... 6000  
A Peregrina do Mundo Novo... 8000  
F. Castro e E. Frias — A Boca da Es... 8000  
Flamarion... 5000  
Iniciação astronômica... 5000  
Contos de luar... 7000  
Como acabará o mundo... 4000  
Os habitantes dos outros mundos... 10000  
Felix le Dantec — As influências ancestrais... 10000  
Fialho de Almeida... 10000  
Lisboa Galante... 9000  
Estâncias de Arte e Saúde... 9000  
Figuras de destaque... 9000  
Actores e Autores... 9000  
Contos... 9000  
A Esquina... 9000  
Aves Migradoras... 9000  
Barbear, Pentear... 9000  
Cidade do Vicio... 9000  
Pasquinadas... 10000  
Paiz das Uvas... 9000  
Saibam quantos... 9000  
Vida errante... 9000  
Vida trágica... 9000  
Guerra Junqueira — A morte de D. João... 10000  
Musa em férias... 9000  
Os Simples... 7000  
A velhice do Padre Eterno (En... 14000  
cadernação de luxo)... 10000  
Brochado... 10000  
Gorki — Os Degenerados... 4000  
Os Vagabundos... 4000  
Na Prisão... 2500  
Ibsen — Espectros... 4000  
Casa de bonecas... 5000  
Jaqueiro — História Universal, 2 v... 10000  
Jaime Cortezão — Adão e Eva (teatro)... 5000  
José Benedy — A ciência redentora (novela)... 2500  
Jesus Pelto — O mestre geral (novela)... 2500

Jorge Teixeira — Gatinhos de Luya Branca — A Escamalha (peças de teatro)... 2500  
Juliano Quintina... 8000  
Visinhos do Mar... 8000  
Cavaleiro do Sonho... 8000  
Terras de Fogo... 8000  
Dor vitoriosa (novela)... 2500  
Laisant — Iniciação matemática... 5000  
Malvert — Ciência e Religião... 10000  
Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela)... 2500  
Anastácio José (idem)... 2500  
Manuel Ribeiro... 2500  
Poder redentor (novela)... 2500  
Mirbeau — O Jardim dos Suplicios... 4000  
Nogueira de Brito... 15000  
I-Memorial de Angela Pinto... 2500  
Sangue Fidalgo (novela)... 2500  
Nô, diz a Lei (novela)... 2500  
Parque — Origem da vida... 8000  
Olivera Martins... 15000  
Helenismo e a Civilização Cristã... 15000  
História da Civilização Ibérica... 15000  
História da República Romana (2 volumes)... 30000  
História de Portugal (2 vols)... 30000  
Races Humanas (2 vols)... 30000  
O Brasil e as Colônias Portuguesas... 15000  
Certas Peninsulares... 15000  
Sistema dos mitos e ficções religiosas... 15000  
Orlando Marçal... 6000  
Águas claras... 6000  
Imagens de Sonho... 1000  
Raul Brandão... 10000  
Os Pescadores... 10000  
Os Pobres... 10000  
O Teatro... 8000  
Spencer — Da Educação (br. 5000) enc... 8000  
Sobral de Campos — Dois tiros (novela)... 2500  
Tolstói — A sonata de Kreutzer... 4000  
Ana Karenine (3 vols)... 15000  
Toulouse — Como se deve educar o espirito... 4000  
Wenceslau de Moraes... 12000  
Dai-Nippon... 12000  
Victor Hugo... 10000  
França e Belgica... 10000  
O Reno (2 v.)... 15000  
Os Miseráveis (2 grossos vols) illus... 40000  
Zola... 12000  
A Taberna... 5000  
Tereza Raquin... 5000  
Alegria de viver (2 vols)... 8000  
A conquista de Plassans, (2 vols)... 8000  
Fecundidade... 20000  
A Jortuna dos Rongons, (2 vols)... 8000  
Uma página de amor... 9000  
Dr. Pascal... 8000

**FOLHETOS**

Eliseu Realis — Anarquia e a igreja... 1500  
A Evolução legal e a anarquia... 300  
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura... 500  
José Prat — A burguesia e o proletariado... 500  
A necessidade da Associação... 500  
Contant — Contra o confusãoismo... 300  
Alfredo Neves Dias — Razão (poema)... 500  
Ernesto da Silva — Teatro livre... 300  
Arte Social... 300  
Landauer — Social Democracia... 300  
R. Mela — O principio do fim... 300  
A maçonaria e o proletariado... 300  
J. Most — Peste religiosa... 300  
João P. do Rio... 300  
Definições sociais... 500  
Horas anarquicas (versos)... 500  
Trovas da Noite... 1000  
Roberto, o pescador... 1000  
Memórias do Parque de São João do Forte... 1000  
Carnet de Pensamento... 200  
J. Bakonine — O sentido em que somos anarquistas... 500  
O espirito revolucionario... 500  
O estado e o seu papel historico... 1500  
J. Guedes — Lei dos Salarios... 500  
Briand — A greve geral... 500  
Roland — Russia Nova... 500  
O sindicalismo e os intelectuais... 500  
D. Carvalho — A gestão sindical no periodo revolucionario... 500  
A. Hamon — A crise do socialismo... 500  
J. Santos — A transformação da sociedade... 500  
Neno Vasco... 300  
Georgicas... 1000  
Greve de inquilinos, teatro... 1000  
Proletariado Historico... 1000  
G. Archinot — A Revolução social e o Sindicalismo... 500  
Carlos Rates — Aditadura do proletariado... 1000  
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus... 1000  
Rodolfo Rucker — O sindicalismo revoluc. e a organização operária... 1000

**OS MISTÉRIOS DO POVO**

«Que Napoleão Bonaparte, durante algum tempo chefe dum governo firme e prudente, tinha dado motivos para que a nação contasse com os seus futuros actos de justiça e sensatez; mas que em seguida elle rasgou o pacto que o ligava ao povo francês, notavelmente aumentando impostos e estabelecendo tributos não autorizados pela lei, contra o teor expresso do juramento por ele prestado quando subiu ao trono, em conformidade com o artigo 43 do acto constitucional de 28 de florial do ano XII;

«Que ele cometeu este atentado contra os direitos do povo exactamente no momento em que acabava de adiar sem necessidade as sessões do corpo legislativo, e de anular, como ilegal e criminoso, uma deliberação do mesmo corpo, contestando-lhe os seus direitos como fazendo parte da representação nacional;

«Que ele empreendeu uma série de guerras violando o artigo 50 do acto constitucional de 22 de frimário do ano VIII, que determina que as declarações de guerra sejam propostas, discutidas, decretadas e promulgadas como leis;

«Que ele promulgou inconstitucionalmente vários decretos de aplicação de pena capital, especialmente os dois decretos de 5 de Março último; que pretendem fazer considerar como nacional uma guerra que tinha lugar unicamente no interesse da sua ambição desmedida;

«Que ele violou as leis constitucionais com os seus decretos relativos às prisões do Estado;

«Que ele inutilizou a responsabilidade ministerial, confundindo todos os poderes e destruindo a independência da magistratura judicial;

«Considerando que a liberdade de imprensa estabelecida e consagrada como um direito da nação, tem sido constantemente submetida à censura arbitrária da policia, e que ao mesmo tempo ele se serviu sempre da imprensa para espalhar pela França e pela Europa maximas falsas, doutrinas favoraveis ao despotismo e insultos aos governos estrangeiros;

«Que decretos e pareceres votados no Senado sofreram alterações ao serem publicados;

«Considerando que em vez de reinar tendo somente em vista o interesse, a felicidade e a glória do povo francês, nos termos do seu juramento, Napoleão aumentou até ao ultimo extremo as desgraças da pátria, recusando-se a tratar em condições que o interesse nacional lhe ordenava que aceitasse, e que não comprometiam a honra da França nem o bem da nação;

«Pelo abuso que fez de todos os recursos que lhe foram confiados, quer em homens quer em dinheiro;

«Por abandonar feridos sem socorro, sem curativo nem alimento;

«Por diferentes medidas cujas consequências eram a ruína das cidades, a miséria e o despoamento dos campos, a fome e as doenças contagiosas;

«Considerando que, por todas estas causas, o governo imperial, estabelecido pelo senatusconsulto de 28 de florial do ano XII, deixou de existir, e que o voto unânime de todos os franceses reclama uma ordem de coisas cujo primeiro resultado seja o restabelecimento da paz geral, e também a época duma reconciliação solene entre todos os Estados da grande família europea;

«O Senado declara e decreta o seguinte:

«Art. I.—Napoleão Bonaparte é deposto do trono, ficando abolido o direito hereditário estabelecido para a sua família;

«Art. II.—O povo francês e o exército ficam desligados do juramento de fidelidade a Napoleão Bonaparte, que deixou de ser imperador.

«Confrange-se o coração de indignação e nojo ao pensar no impudor desses miseráveis senadores. Não só nem um deles tinha ousado protestar, ao menos com o silêncio, contra os actos que actualmente condenavam, mas até estes actos nunca tinham tido mais acérrimos defensores do que os mesmos acusadores de agora!!!

Uma outra provação estava reservada à Europa e Napoleão. Este último podia, um ano depois (em

1815), expiar e resgatar o passado; o seu orgulho dinástico e o seu ódio à Revolução deviam tornar impossível esta expiação suprema, e um castigo terrível devia mais tarde pesar sobre ele.

Em 1814, Bonaparte, a pesar de deposto do trono, foi reconhecido como rei da ilha de Elba; os reis coligados assinalaram-lhe este lugar de residência, e ele para lá foi, acompanhado de alguns officiaes e soldados fieis ao seu infortunio.

A França sentia tal necessidade de paz, repouso e independência, após dez anos de guerra e de dura servidão, que, a pesar da sua profunda aversão aos Bourbons, acolheu com alegria o regresso deles.

A realza de 1814, nova usurpação da soberania do povo; única e indivisível, imprescritível e inalienável, consagrava mais uma vez a iniquidade do principio monárquico, contra o qual em vão tinha protestado a minoria republicana.

A 3 de Maio de 1814, Luis XVIII entrou solenemente em Paris, no meio dos principes da sua família, escoltado pela maior parte dos marechais do império, misturados com os emigrados e com os generais estrangeiros: legitimo castigo de Napoleão!

Os Bourbons feriram profundamente o sentimento nacional por voltarem aos usos do antigo regime, e por ultrajarem actos da revolução.

Foram restituídos aos emigrados os bens não vendidos; os empréstimos contrahidos no estrangeiro por Luis XVIII foram inscritos como dividas do Estado. Foi ordenada a rigorosa guarda dos domingos e dias de festas religiosas; manteve-se a censura, quasi tão severa como no tempo do império. Começaram outra vez a circular as procissões por fora das igrejas. O governo real estava-se tornando tão odioso como o tinha sido o governo imperial. Organizaram-se algumas conspirações militares; parte da burguesia pensava em chamar ao trono o duque de Orleans, ao passo que, pelo seu lado, o partido republicano esperava aproveitar também os acontecimentos.

Mas os destinos da França estavam, por assim di-

zer, nas mãos do exército, já pelos privilégios que este lhe concedia, já pelas suas recordações de glória. O povo, de há muito desabituado da vida politica, conservado sempre de parte por Napoleão, e ferido nos seus instintos revolucionarios pelos Bourbons, conservava-se inerte, excepto alguns velhos patriotas dos grandes dias da revolução; só o exército podia decidir da sorte da restauração.

Tal era o estado dos espiritos em França desde 3 de Maio de 1814, dia da entrada de Luis XVIII em Paris, até ao mês de Março de 1815, época em que começa a seguinte narração que eu, João Lebreão, junto à nossa legenda de família.

**EXPULSÃO DOS BOURBONS — REGRESSO DE NAPOLEÃO — OS CEM DIAS**  
(20 de Março a 28 de Junho de 1815)

A's dez horas da manhã, o sr. Desmarais e seu cunhado Humberto esperam na sala das Tulherias a audiência que tinham pedido ao duque de Blacas, ministro de Luis XVIII, e seu mais intimo favorito. Eles tinham vindo antes da hora da audiência, a fim de serem os primeiros a chegar, porque a multidão dos pretendentes era grande, atenta a influência preponderante e quasi omnipotente dele no animo do rei.

O sr. Desmarais e o sr. Humberto vinham com as fardas de pares de França. Desmarais, senador durante o consulado e depois durante o império tinha sido feito conde por Napoleão. Tornado realista, como antes tinha sido bonapartista, e remontando mais ao passado, — terrorista, — jacobino, — constitucional, o conde Desmarais deveu à sua recente dedicação a causa realista o ter sido compreendido na lista dos senadores feitos pares de França por ocasião dos Bourbons. Tinha ele então sessenta e



## CRÓNICA DE VIAGEM

### DA MADEIRA À CIDADE DA PRAIA

Viajar não é para operários... — O mistério empolgante do Oceano  
Terras de fome e amargura — Um encontro agradável — A in-  
quididade social, em toda a parte

Viajar constitui para o proletário um problema de quase impossível solução, fruto delicioso que não poderá saborear com prazer, porque não lhe permitem os seus exíguos recursos financeiros mais do que uma digressão, de quando em vez, até Almada e Cacilhas, e dali contemplar o estuário magnífico do Tejo e a casaria multi-forme de Lisboa.

O inedito, porém, fica vedado aos seus olhos, e o espírito, sempre insatisfeito, se-  
quisio do nectar capitoso do belo, que se renova de momento a momento, como num écran cinematográfico, cristaliza-se, embo-  
ta-se, vendo sempre, ante si, o mesmo am-  
biente, a mesma paisagem, os mesmos cos-  
tumes.

Transposto por nós o óbice que nos im-  
pedia esse tão almejado passeio, como o ex-  
ercício do nosso mister profissional a bordo,  
daremos rápidas notas do que vimos pela  
primeira vez, sem pretensões de maior va-  
lida, focando aqui e ali os assuntos que mais  
nos interessaram, através dos portos do li-  
toral africano.

Após dois dias de navegação, por entre  
vagas bravias do Oceano imenso, revoltas,  
que fazia bailar o navio, repelindo-o com  
fúria, como a um intruso, chegámos em  
frente da Madeira.

Os nossos olhos, num êxtase, admiraram  
toda a grandiosa tela excepcional, que a  
Natureza nos oferecia espontaneamente, em  
colaboração recíproca com o trabalho hu-  
mano, ficando o criador, na disposição de  
moradas, qual delas a mais curiosa, pinta-  
gão, o terreno montanhoso e pitoresco,  
com intervalos de vegetação luxuriante e  
bela, vendo-se no alto dos montes, como  
sentinelas vigilantes perscrutando o hori-  
zonte, algumas interessantes habitações.  
Dir-se-iam amantes ansiosas, esperando, do  
alto de seus varadins, o regresso dos seus  
amados.

Curta paragem no amplo porto do Fun-  
chal, a demora indispensável para carregar  
e descarregar mercadorias. Por entre a azá-  
fama de bordo, e de mistura com a tripula-  
ção e passageiros, observavam-se as opo-  
rações mercantis dos vendedores de terra,  
com seus variadíssimos negócios, desde os  
bilhetes postais ilustrados da Madeira até  
aos que transportavam delicadas cadeiras  
de verga para viajantes, na sua linguagem  
típica, falando com desembaraço, encare-  
cendo os seus produtos com um certo en-  
tusiasmo.

Era noite quando o navio se pôs em  
marcha, deixando atrás de si, envolvida  
num manto negro, a encantadora cidade,  
que, iluminada, interessante vista oferecia,  
de longe, aos que partiam. E o barco, se-  
guindo a sua rota, embrenhou-se no Oceano  
incomensurável, vastidão imponente, sin-  
grando, com um bom andamento, como se  
golpeasse as densas trevas da noite, às ve-  
zes parecendo um fantasma acóitado pelo  
vento.

Dias depois, avistámos, ao longe, terra.  
Era São Vicente de Cabo Verde. Os seus  
montes proeminentes, hirsutos, gigantes-  
cos, a aridez que se denota, sem que a mais  
pequena vegetação o intervalasse, definem  
bem, em síntese, a terra de fome e de misé-  
ria, que até a água tem de importar, para  
que os seus habitantes não morram de sede,  
da vizinha ilha de Santo Antão.

Poucos momentos depois de fundear,

## NO EXTREMO-ORIENTE

### O movimento anarquista no Japão

Toquio, março.—Durante o horrível ter-  
ramoto, o governo promoveu uma série  
infinita de prisões arbitrárias, de temíveis  
sentenças, de execuções bárbaras, de tudo  
isto sendo pretexto uma conspiração con-  
tra a vida do imperador e do general que  
comandava a cidade em estado de sítio.  
Foi, então, que um oficial de polícia, obe-  
decendo a uma ordem do governo, assas-  
sinou o querido militante anarquista Osugi,  
cuja mulher e um sobrinho foram, no mes-  
mo instante, mortos bárbaramente. Assim,  
ficou o governo supondo aniquilada no  
Japão a ideia anarquista.

Em breve teve de reconhecer que se en-  
ganava. A força bruta pode suprimir ho-  
mens; mas, nunca pode suprimir as ideias  
que os animam. A comprovação veio uma  
manifestação anarquista realizada em To-  
quio.

Mais de setecentos anarquistas reuniram-  
se, e com duas grandes bandeiras negras  
à frente, marcharam pelos bairros mais  
ricos e mais frequentados da capital.

A polícia japonesa, muito bem conheci-  
da pela sua brutalidade, não tardou a inter-  
vir e a iniciar uma luta sangüinária que durou  
até às nove da noite. Houve feridos de  
ambas as partes, e trinta e dois camaradas  
nossos foram presos.

Uma manifestação tão inesperada e tão  
viril, ao mesmo tempo, num país tão reac-  
cionário como o Japão, provocou, é es-  
cusado dizê-lo, a ira dos burgueses e a  
simpatia dos trabalhadores. A repressão  
selvática não poderá senão tornar os cam-  
aradas japoneses mais activos.

La Laborista Movado (O movimento  
operário) órgão anarquista, fundado por  
Osugi, e suprimido, já diversas vezes, re-  
começou a sua publicação. Este jornal con-  
tem uma pequena coluna em esperanto  
para os camaradas europeus.

Um outro jornal, A Juventude Negra,  
órgão da Federação Juvenil Anarquista,  
começou a sua publicação, cheio de entu-  
siasmo e de espírito de revolta. No re-  
ferido jornal discute-se, sobretudo, sobre a  
acção dos revolucionários anarquistas.

Os jornais O Homem Livre e A Ban-  
deira Negra, suprimidos pelo governo,  
vão sendo, não obstante, publicados.

A polícia japonesa suprimiu também o  
jornal A Igualdade, órgão do grupo «Os  
Igualitários», cujo gerente foi preso. Assi-  
nalamos porém dois novos jornais anar-  
quistas, Os Negros e o Congresso Negro.

## Sobre organização

### O organismo confederal

A concentração sindical efectua-se em  
três planos: no primeiro plano, o sindicá-  
to; no segundo, a Federação nacional cor-  
porativa dum lado e a União local do ou-  
tro; no terceiro, a Confederação do Traba-  
lho.

A Confederação vem dar todos os orga-  
nismos federativos da classe operária; é  
ali que eles se põem em contacto uns com  
os outros, que se intensifica, se generaliza a  
acção económica do proletariado. Mas não  
se julgue por esse facto, que a Confedera-  
ção é um organismo director; é apenas um  
coordenador e um amplificador da acção  
revolucionária da classe operária; é como  
se vê, o contrário dos organismos democrá-  
ticos, que, pela sua centralização e autori-  
tarismo, sufocam a vitalidade das unidades  
componentes. Na Confederação há coesão  
e não centralização; há impulso, mas não  
há direcção. O Federalismo nota-se em tu-  
do e em cada grau, os diversos organismos  
— o indivíduo, o sindicato, a Federação ou  
a União dos Sindicatos — são autónomos.  
É esse facto que origina a grande força de  
irradiação da Confederação: o impulso não  
vem de cima; parte dum ponto qualquer e  
as suas vibrações transmitem-se, ampli-  
ficando-se, à massa confederal.

A função e o objectivo da Confederação  
estão definidos nos seus estatutos: agrupar  
os assalariados para a defesa dos seus in-  
teresses morais e materiais, profissionais e  
económicos.

Esta definição contém todas as manifes-  
tações da actividade humana. Assim, pela  
sua constituição, a Confederação afirma  
que a sua acção não se limita à defesa dos  
interesses puramente corporativos e que o  
progresso social lhe não é indiferente.

E, de resto, o que nos diz o parágrafo  
seguinte: A Confederação agrupa, fora de  
toda a escola política, todos os trabalha-  
dores conscientes da luta a travar para o de-  
saparecimento do salariado e do patronato.

A Confederação é portanto neutral sob o  
ponto de vista político. O mesmo acontece  
quanto a princípios religiosos.

Sob o ponto de vista político, a neutrali-  
dade não implica de modo algum a abdicá-  
ção ou indiferença em face dos problemas  
de ordem geral ou de ordem social; não se  
trata dum neutralidade, que reduziria a  
Confederação a evolucionar no âmbito dum  
corporativismo estreito e a não olhar para  
além da tarefa momentânea e restrita dum  
defesa profissional, adaptada à socie-  
dade capitalista.

A neutralidade de que se trata é, pelo  
contrário, a proclamação dum ideal, mais  
preciso, mais lógico do que o que constitui  
a bagagem ideológica dos partidos socia-  
listas parlamentares; este ideal ultrapassa o  
domínio das contingências momentâneas.  
O aglomerado confederal efectua-se fora  
de todas as escolas políticas, as quais, ain-  
da que preguem doutrinas de transforma-  
ção social, são apenas um prolongamento  
do democratismo; a sua base é o terreno  
económico, que opera a deslocação necessá-  
ria, que evita toda a confusão entre os par-  
tidos e as classes.

É no campo parlamentar, nos limites da  
sociedade burguesa, que se agitam as es-  
colas políticas; e a sua tendência dominante  
é limitar-se à modificação da fachada  
social. É de resto para a opinião de todos  
que elas apelam, e não para os interesses  
duma determinada classe. São formas ex-  
cipientes das escolas socialistas, as quais  
pretendem representar e amalgamar classes  
e opiniões. As experiências das últimas de-  
zanas de anos são a demonstração de quanto  
esta pretensão é ilógica; fatalmente, me-  
canicamente, considerando-se o meio em que  
a sua acção se manifesta, as escolas socia-  
listas vêm-se obrigadas a descurar o lado  
«classe» para se preocuparem com o lado  
«opinião». Por isso todas vão dar ao pa-  
lamentarismo, tornando-se uma força ex-  
trema do democratismo — e nada mais.

Doutra forma se passam as coisas com  
a Confederação; esta não se importa com  
as opiniões — instáveis ou efémeras — para  
atender principalmente aos interesses de  
classe do proletariado. Estes interesses são  
a base sólida, inabalável, sobre a qual se  
levanta tendo o fim que ela visa um carac-  
ter de fixidez e de permanência, no qual  
não influem as relatividades do presente,  
nem os aspectos diversos dos regimes  
políticos.

Opera assim um rompimento completo  
entre a sociedade actual e a classe operária;  
e a sua formação prova que não há senão  
um agrupamento normal e eficaz: o agru-  
pamento de classe. A futura é, pois, com-  
pleta entre os organismos sociais do pas-  
sado e as que a Confederação evoca e que  
ela trata de realizar.

O ideal pregado e que se procura realizar  
é o desaparecimento do patronato e do sala-  
rio. Este desaparecimento só pode ser  
total, se for total a eliminação das forças  
de opressão concretizadas pelo Estado, e  
das forças de exploração, manifestadas pelo  
capitalismo. Então, sobre as ruínas da  
sociedade burguesa, será realizável o fede-  
ralismo económico, no qual o homem terá  
toda a liberdade de se satisfazer e desen-  
volver e de que os sindicatos — grupos de  
produção, de circulação e distribuição serão  
a célula constitutiva. Ora, é evidente que  
a realização desta transformação social só  
pode ser obra de agrupamentos que na  
sociedade são o embrião dos organismos  
da sociedade nova — os sindicatos.

Não podemos conceber outros agrupa-  
mentos, aptos para o serviço de expropria-  
ção e reorganização.

O fim proclamado pela declaração de  
princípios da Confederação identifica-se,  
pois, com o ideal manifestado por todas as  
escolas da filosofia social; simplesmente, a  
Confederação manifesta-o, livre de todas  
redundâncias da doutrina, de todos os pro-  
moteiros sectaristas, para só lhe conservar  
a essência. Pode até ver-se que o manifesto  
com mais amplitude, do que as escolas que  
sonham com uma transformação social  
dentro do Estado; há algumas destas que  
limitam a sua concepção a uma transfor-  
mação que deixaria substituir o salariado;  
os produtores continuam assalariados, mas  
em vez de serem pagos por patrões indivi-  
duais, eram assalariados do Estado, tor-  
nando o órgão representativo do conjunto da  
sociedade e fazendo face, daí por diante,  
a todas as funções sociais — produção,  
distribuição, etc.

Diferente desta concepção acanhada e  
centralista, o ideal manifestado pela Con-  
federação contém todas as aspirações de  
transformação social e é isso que lhe dá

## COIMBRA

### Centro duma importante região proletária

Conhecendo bem a região compreendi-  
da entre Figueira da Foz, Coimbra, Lou-  
zã e Pampilhosa, e sabendo da quantidade  
proletária que povoa estas localidades e  
terras próximas, aos militantes da organi-  
zação operária não pode restar dúvida al-  
guma que se podia, e deve, constituir, após  
uma boa propaganda sindical, a Câmara  
Sindical de Coimbra e sua região, tendo  
como sede esta mesma cidade.

As Câmaras Sindicais locais podem, e  
oxalá que assim sucedesse por muita parte,  
desempenhar cabalmente a sua importante  
missão revolucionária e preparadora da  
multidão operária para as ideias socialis-  
tas libertárias. As Câmaras Sindicais Re-  
gionais, porém, quando as circunstâncias  
acontecerem (e atravessamos no respei-  
tante a Coimbra um desses casos) pode-  
riam fazer muito mais. Nem todos os mi-  
litantes operários aceitam a ideia das Câ-  
maras Sindicais Regionais, alegando razões  
que agora não discutiremos, mas percor-  
rendo, como nós, o país e sentindo bem as  
«circunstâncias», vivendo bem as condi-  
ções psicológicas da região e mais o que  
se depara em matéria sindical, o facto deve  
dar-se como consumado, hemos de convir  
que assim tem de ser.

Querem exemplos? — O Porto, em aten-  
ção a Gaia, Leixões, Matosinhos, etc., que  
lhe ficam juntas e com quem é forçado a  
agir porque estas localidades são sua parte  
integrante; a Covilhã, por causa de Almeida  
de Carvalho, Tortoendo, Unhais, Gouveia,  
São Paio, e por aí fora... localidades que  
só vivem da indústria têxtil e que um  
movimento reivindicador em uma parte  
prende interesses em outra.

Os organismos operários nesta cidade,  
como já tivemos ocasião de dizer antes da  
forçada suspensão de A Batalha, sofrem  
presentemente de uma enorme crise, tanto  
de militantes como de sindicatos. O mal,  
porém, é, em parte, remediável; e resolvi-  
do nessa parte... todo o mal está posto...

de parte...  
E' que reuniões dos militantes, as melho-  
res e mais inteligentes vontades, em Câ-  
mara Sindical (da região já citada nas pri-  
meiras considerações deste artigo), reunião  
de militantes que era a união forte dos que  
compreendem a necessidade de agir e vi-  
ver, estava estabelecido o grande «baluarte»  
de início ao enfortalecimento e propulsão  
da obra operária que aqui urge encetar e  
se precisa.

Depois, Coimbra sendo uma excelente  
região industrial é, consequentemente e  
implicitamente, uma região onde tem farta  
existência a exploração e o vilipêndio em  
proveito dum casta parasitária e negre-  
gada que é a sociedade burguesa na sua  
actuação miserável!

O assunto já não precisa estudo; está  
aqui posto por quem o viu e tal qual é.  
Não há exageros. Há apenas verdades. Assim  
o compreendem os militantes do Sindicato  
de Mobiliário, Manipuladores de Pão, Em-  
pregados de Cafés e Restaurantes, Cons-  
trução, Civil e Empregados de Comércio;  
os seus interesses e os dos trabalhadores  
seus irmãos que vivem como eles mesmos,  
privados de tudo e até de pensar à von-  
tade, devem sobre estas vagas considera-  
ções resolver algo caracterizado na acção  
de se emancipar. Nós, pelo menos, assim o  
desejamos.

Adolfo FREITAS

## SALÃO MODERNO

LARGO OSTENDE — MONTE-ESTORIL

Sabado 9 de Abril às 21 1/2 horas

GRANDE CONCURSO DE CEBANHAS — no qual se dis-  
putam três prémios

1.º — 200\$00 escudos

2.º — 100\$00 "

3.º — 50\$00 "

Já se encontram inscritas 5 das melhores

cegas que se exibiram no Carnaval.

Aceitam-se mais inscrições até ao dia 9 às

12 horas.

Este salão é o mesmo que na linha de Cas-  
cais há quatro anos promove os melhores  
concursos.

Combios aproveitáveis do Cais do So-  
dré: 19,52 e 20,45.

uma fisionomia especial e a coloca para  
além das diversas escolas. Pode mesmo  
dizer-se que as ultrapassa — qualquer que  
sejam — em vigor revolucionário, conside-  
rando que nela, o acto se liga ao pensa-  
mento, visto que no meio actual, não só  
constitui a força destruidora da sociedade  
capitalista, mas também o embrião da so-  
ciedade transformadora.

O que concorre para dar à Confederação  
a sua força de penetração e propagação, é  
que ela traça o caminho do futuro não faz  
um acto indispensável de fé; não é um  
«credo» que abre as portas do Sindicato  
aos trabalhadores que o formulam e a fecha  
aos que se recusaram a isso. Desse modo  
cui-se nos aglomerados de opinião, com os  
quais a Confederação não tem relações de  
espécie alguma. Uma só condição é neces-  
sária para se entrar no sindicato: é a de  
ser um assalariado, um explorado. O traba-  
lhador é instintivamente levado a entrar  
para o sindicato, desde que a sua consciên-  
cia, até então adormecida, desperta. Pouco  
importam então as suas crenças religiosas.

O principal é que entre para o sindicato.  
Uma vez lá, não tardará muito que se  
liberte de preconceitos; naquele meio vivifi-  
cante, a sua educação se fará pela reali-  
dade contida nos seus camaradas de luta.

E acontece assim porque o ideal confe-  
dederal não se formula teoricamente, doutri-  
nalmente, mas constata a existência dum  
necessidade social, fatalmente oposta à  
sociedade capitalista e que é a resultante  
lógica da coesão do proletariado no terreno  
económico.

Deste modo se esclarece e se define a  
neutralidade do sindicalismo, em face dos  
problemas de ordem geral, a sua neutrali-  
dade. A Confederação não é indiferente a  
nenhum problema social, nem político  
(dando a esta palavra um significado lato).  
O que a distingue dos partidos de-  
mocráticos, é não fazer vida parlamentar;  
ela é a-parlamentar, como é a-religiosa e  
como é a-patriota. Mas a sua indiferença  
em matéria parlamentar não a impede de  
reagir contra o governo, tendo a experiên-  
cia mostrada a eficácia da sua acção exer-  
cida contra os poderes públicos por pressão  
exterior.

Emile POUGET

## ECOS DA REVOLUÇÃO

### O encerramento dos sindicatos marítimos e as intrigas dos armadores

O encerramento de várias colectividades  
e o arrolamento dos seus bens, feitos em  
obediência ao decreto referente às associa-  
ções dadas como implicadas na última revo-  
lução, pode dar lugar a irreparáveis injus-  
tiças.

A razão dessa nossa afirmação está crite-  
riosamente posta numa local do *Diário de  
Lisboa*, que, com a devida vénia, em parte  
passamos a reproduzir:

«Pedimos licença para fazer uma obser-  
vação: não é certo que várias personalida-  
des, grades ou apagadas, têm sido presas  
como cúmplices ou agentes dos aconteci-  
mentos revolucionários, e depois são resti-  
tuídas à liberdade, por se provar a sua ino-  
cência, e que foram vítimas de equívocos  
ou até de vinganças?

Como não admitir que pode suceder o  
mesmo às associações?

A verdade, e que interessa mais ao bom  
nome do governo, do que a nós, é que a  
suspensão de centros e associações já é  
uma medida excepcional, suficiente para  
satisfazer as intenções de quem governa.

Leio-se os seus parcos valores — para  
quê? se amanhã se pode chegar, mais se-  
renamente à conclusão de que ao país e à  
causa nacional só transitariamente interes-  
sam estas medidas, e que as revoltas conti-  
nuas não vão dentro da gaveta de uma  
mesa?

Também foram encerrados jornais, e ju-  
stamente autorizados a reaparecer. Certame-  
nte no espírito do governo — e governar é  
transigir, diz uma fórmula clássica — se  
considerarmos razões que justificariam essa  
atitude digna. Admitamos o mesmo para  
os centros e associações, como se vê em  
relação aos indivíduos, e voltem os móveis,  
os retratos, à sua casa, sem prejuízo das  
medidas que os srs. ministros entenderem  
oportunas.

Há, com certeza, associações que são  
vítimas de denúncias infundadas e de má-  
vontades manifestas.

Neste caso está o Sindicato dos Pro-  
fissionais da Imprensa, organismo de classe,  
estranho à política, que não louva nem  
ataca governos, porque isso lhe está pro-  
ibido pela letra dos seus estatutos e pela  
heterogeneidade dos elementos que o com-  
põem.

Com os sindicatos marítimos, a situação  
é mais clara. Não são vítimas do fracasso  
revolucionário, nem se compreende que  
uma associação de classe, cujas decisões se  
tomam em assembleias gerais devidamente  
autorizadas pelo comando militar e com a  
assistência da autoridade, saísse fora da  
sua função, sem que o governo tivesse, em  
poucas horas, conhecimento dessa grave  
infração estatutária. São vítimas dum  
intriga dos armadores, a quem não agra-  
da que essas associações defendam sen-  
satamente os interesses dos filiados contra  
a sua ganância e até contra o desprezo  
manifesto pela vida do pessoal dos seus  
navios.

A manobra jesuítica dos armadores tem  
impedido que quem de direito saiba que o  
encerramento daqueles sindicatos é uma  
injustiça originada por uma baixa intriga,  
cujos efeitos são perniciosos.

Um dos episódios mais salientes do res-  
caldo da última revolução é o pululamento  
de vinganças e de falsas denúncias que já  
levaram alguns dos delatores à cadeia. É  
claro que a não pedimos para os armadores,  
temos apenas em vista o desejo de ver rea-  
brirem os sindicatos marítimos encerrados  
por uma baixa intriga e reintegrados nos  
bens que foram adquiridos com sacrifício  
feito por todos os que com as suas cotas,  
de sócios, para eles contribuíram da sua  
bolsa honesta e modesta de trabalhadores.

## Oficiais de marinha separados do serviço

Por virtude dos últimos acontecimentos,  
foram separados do serviço com cinquenta  
por cento de vencimento os seguintes ofi-  
ciais de marinha: Contra-almirante D. Luís  
da Câmara Leme, capitão de mar e guerra  
João Manuel de Carvalho, capitão-tenente  
Sebastião José da Costa, primeiros tenentes  
Travassos Valdez, Agostão Lança, Joaquim  
Cancho e António Augusto de Almeida e  
segundos tenentes Faustino Otero Ferreira  
e José Maria Ferreira.

Pelo mesmo motivo foram demitidos o  
capitão-tenente Filemon de Almeida, os  
primeiros tenentes Prestes Salgueiro e Fer-  
nandes Costa, o capitão-tenente médico  
Jaime de Moraes e o segundo tenente do  
secretariado naval Oliveira Guerreiro.

Em virtude da falta de pessoal, na pa-  
rada militar que se realiza no dia 9 do co-  
rrente, a marinha tomará parte nessa parada  
com uma companhia e a respectiva banda.

## O «Pero da Alemquer» já não vai a Cabo Verde

O transporte de guerra «Pero de Alem-  
quer», que está metendo a bordo vário ma-  
terial e mantimentos, já não vai a Cabo  
Verde, não estando ainda definitivamente  
assente qual o seu itinerário. Sabe-se ape-  
nas de positivo que vai à Guiné, Angola,  
Moçambique, Macau e Timor.

O seu comandante, capitão de fragata sr.  
Jaime da Silva Costa, conta fazer na pró-  
xima segunda-feira as experiências da má-  
quina, fazer as suas despedidas oficiais no  
dia seguinte e largar provavelmente se-  
assim lhe for determinado no dia 13 ou 14  
do corrente.

## A reorganização da G. N. R.

Devido à reorganização da G. N. R. esta  
vai ter os seus efectivos diminuídos de 78  
oficiais, 204 sargentos e 3925 praças.

Ficará constituída em Lisboa e Porto,  
precisamente como até aqui, continuando a  
guardar a capital até a um regimento de  
cavalaria a quatro esquadrões e de uma  
seção de metralhadoras pesadas, dois ba-  
talhões de infantaria a cinco companhias.  
Destas forças ficam destacadas duas com-  
panhias — uma Santarém e outra no Barreiro.  
Igualmente se mantém, com a composição  
anterior, o batalhão do Porto.

## Uma medida inexplicável

PORTO, 4.—Causou funda impressão  
entre o proletariado o arrolamento do ma-  
terial tipográfico, bibliotecas e demais per-  
tencas do semanário A Comunidade — a cujo  
arrolamento, como é de prever, se seguirá  
o leilão dos referidos haveres.

A impressão é verdadeiramente justifi-  
cada, visto que aquele periódico jamais po-  
deria ter relações com os acontecimentos  
políticos-militares que se desenrolaram em  
Fevereiro, já por estar suspenso muito an-  
teriormente, já por a sua orientação ser  
muito diversa da política dos partidos.

Também foi muito sentida a prisão e re-  
moção para Lisboa dos camaradas José Ro-  
drigues Reboredo e António José de Al-  
meida.

Pelo mesmo mal, certamente, também  
foram para aí António Inácio Martins e Se-  
rafim Lopes, bem como permaneceram no  
Aljube, entre outros camaradas, António  
Alves Pereira. Há, todavia, a crença de que  
em Lisboa aqueles detidos recobrarão a li-  
berdade.

## Mais prisões por suspeita em Coimbra

COIMBRA, 3.—Nesta cidade, tem sido  
efectuado, nos últimos tempos, um grande  
número de prisões de anarquistas e socia-  
listas. Uma grande parte delas, porém,  
foram determinadas por simples suspeita e  
outras, como ontem referimos, por denún-  
cia dum demente que há pouco tempo nes-  
ta cidade apareceu e que é conhecido por  
Andréinho das calças brancas. Este po-  
bre desequilibrado costuma vestir-se, umas  
vezes, de polícia, e outras, de oficial de  
exercito, conseguindo, desta maneira, lu-  
bricar várias pessoas, a quem tem dado  
voz de prisão e a casa de quem tem passa-  
do buscas, e até o próprio sr. comissário  
de polícia, ignora o estado mental do  
infeiz militarmaníaco.

Após a prisão do estudante de Letras,  
Roberto das Neves, e do barbeiro Arnaldo  
Simões Januário, que seguiram daqui para  
Lisboa, onde ficaram às ordens da Polícia  
de Informações do Ministério do Interior,  
foram presos mais os seguintes operários,  
em cujas habitações foram passadas buscas:  
Danton de Carvalho, tipógrafo; Henrique  
Santos, empregado de café; Lúcio Maria da  
Conceição, metalúrgico; José da Velha,  
marceneiro; Amadeu das Neves, marceneiro;  
João Veiga, empregado da C. P.; e José  
Pedro dos Santos, alfaiate.

Deve frisar-se que o crime de alguns  
destes é de sonharem o advento dum so-  
ciedade igualitária, de paz e de abastança  
para todos.

O que é curioso, porém, é que a captura  
dalguns destes foi motivada por denúncia  
feita ao sr. comissário da polícia desta ci-  
dade pelo louco a que nos temos referido.

Claro está que o sr. comissário da polí-  
cia, depois de informado da inaniidade das  
acusações e avisado do desarrajo nas fun-  
ções psíquicas do denunciante, mandou  
imediatamente pôr em liberdade todos os  
indivíduos detidos por falsa acusação.

O infeiz mentecapto, porém, mau grado  
uma população inteira, continua à solta. O  
seu estado mental, já ontem o dissemos,  
exige o seu imediato internamento numa  
casa de saúde.

Ficamos esperando que se procure tor-  
nar inofensivo este infeiz demente turbi-  
lento, que ameaça o sossego dum cidade.  
—C.

## Vida Sindical

### Comunicações

S. U. C. C.—Secção profissional dos pe-  
dreiros — Reuniu a direcção, tendo apreciado  
trabalhos realizados pela comissão, que pro-  
curou o presidente da Câmara Municipal e  
ministro do comércio a quem entregou uma  
exposição sobre a crise de trabalho exis-  
tente na classe indicando a maneira dela ser  
debelada. Aquelas entidades prometeram  
estudar o assunto.

Deliberou enviar uma circular a todos  
os antigos filiados e comemorar o aniversá-  
rio da classe nos dias 30 do corrente e 1  
de maio próximo.

Resolveu convidar todos os camaradas  
a oferecer objectos para a quermesse que se  
há de nessa altura efectuar.

## Sindicatos da província

Associação do Operariado de Oeiras.  
—Reuniu-se a direcção deste sindicato  
tomando conhecimento do pedido de de-  
missão do delegado à federação, motivado  
pelo abandono do país do substituto dele-  
gado e nomeando para a sua substituição  
Vergílio da Fonseca.

Aprovou alguns sócios e prosseguiu nas  
demarches para a realização de uma assem-  
bleia.

## Conflitos de trabalho na Alemanha

Informações de Berlim revelam que lavra  
agitação em diversos ramos industriais.

A federação dos fabricantes de cigarros  
repudiou a sentença arbitral relativa a um  
aumento de salário de 10 por cento, tendo  
declarado o «lock-out» nas fábricas, o que  
lança na inactividade cerca de 125.000 ope-  
rários.

Na indústria de porcelana da Baixa Silé-  
sia, Turíngia e Baviera consideravam-se  
iminentes vários conflitos.

Os operários metalúrgicos de Franken-<